

EQUIPES DE NOSSA SENHORA
Equipe Satélite de Formação Cristã

ALBERGUE/CURSO

INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

Observação: Documento escrito originalmente em Espanhol (da Colômbia).

ÍNDICE DO ALBERGUE/CURSO

APRESENTAÇÃO DO ALBERGUE	4
JUSTIFICATIVA DO ALBERGUE	6
OBJETIVO DO ALBERGUE	7
ITINERÁRIO DO ALBERGUE	8
MESA 1	10
O QUE É O NOVO TESTAMENTO?	10
<i>Chaves para abrir o texto</i>	10
MESA 2	22
COMO SE FORMOU O NOVO TESTAMENTO?	22
<i>O processo de construção do texto</i>	22
MESA 3	22
QUAL É O MUNDO DO NOVO TESTAMENTO?	36
<i>O contexto do texto</i>	36
MESA 4	22
O QUE É O EVANGELHO E COMO ELE CRIA COMUNIDADES?	50
<i>A experiência de Paulo</i>	50
MESA 5	62
COMO O EVANGELHO SE MANIFESTOU NAS COMUNIDADES CRENTES? <i>Os evangelhos sinópticos e os Atos dos Apóstolos</i>	62
MESA 6	74
COMO JESUS FOI COMPREENDIDO NA COMUNIDADE DO DISCÍPULO AMADO?	74
<i>A tradição joanina</i>	74

MESA 7	86
QUAIS SÃO AS FORMAS PRINCIPAIS ATRAVÉS DAS QUAIS O EVANGELHO FOI COMUNICADO?	86
Os subgêneros dos evangelhos	86
MESA 8	98
COMO FOI VIVIDO O EVANGELHO NO INTERIOR DAS COMUNIDADES E NO MEIO DO IMPÉRIO ROMANO?	98
<i>Cartas de Tiago, Pedro, Judas e Apocalipse</i>	98
BIBLIOGRAFIA GERAL	110

APRESENTAÇÃO DO ALBERGUE

“A Bíblia é um livro de muitos livros, e em cada um deles há muitas frases, e em cada frase muitas estrelas, oliveiras, fontes, e burrinhos e figueiras, campos de trigo e peixes, e o vento; por toda a parte o vento, o malvado vento da tardinha, o rosado da brisa matinal, o negro das grandes tempestades. Os livros de hoje são de papel. Os livros de outrora eram escritos em pele (pergaminhos). A Bíblia é o único livro de ar – um dilúvio de tinta e de vento. Um livro insensato, separado (desvairado) de seu sentido, tão perdido em suas páginas como o vento nos estacionamentos dos supermercados, nos cabelos das mulheres, nos olhos das crianças. Um livro impossível de ter entre duas mãos tranquilas, para uma leitura erudita, distante: assim que ventasse, a areia de suas frases se espalharia entre os dedos”.

(Christian Bobin, *Le Très-Bas*, 13).¹

Segundo Umberto Eco, a Bíblia faz parte dos GUB (*Great Unread Books* - os “Grandes Livros Nunca Lidos”), e não se equivoca: quase todo mundo tem uma Bíblia, mas muito poucos a leram realmente.

Assim, por um lado, a leitura que é feita da Bíblia é do tipo “*antológico*”; segundo as circunstâncias ou as ocasiões, o indivíduo ou o grupo escolhe a passagem que melhor responde às necessidades do momento.

Não se lê a Bíblia, mas apenas “passagens escolhidas”. O problema se encontra em que esta passagem escolhida já possui uma função pré-determinada, ao ter que responder obrigatoriamente à pergunta que faz o indivíduo ou o grupo que a escolhe. Respondida a pergunta, nada mais é pedido à passagem. Trata-se, portanto, de uma leitura instrumental cujo objetivo é encontrar coisas *úteis* nos textos bíblicos.²

¹ Bobin, Christian. **Le Très-Bas**. Éditeur: Gallimard, 1995.

Nota do Tradutor (NT): este livro está publicado em português, como **Francisco e o Pequenino**. Editado pelo Secretariado Nacional do Apostolado da Oração (Portugal), Braga: Editorial A. O., dezembro de 2013.

² Ska, Jean-Louis. **Introducción al Antiguo Testamento**. Editorial Sal Terrae, Bilbao, España, p. 9. Este livro está publicado em português pela editora Paulus: **O Antiguo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele**.

Por outro lado, a Bíblia continua sendo difícil, pois sua linguagem resulta pouco acessível aos leitores de nosso tempo, já que entre ela e nós há um “abismo” de caráter **temporal** (quase três mil anos), **linguístico** (escrito em línguas erroneamente chamadas “mortas”) e **cultural** (o Oriente Próximo antigo), que nos dificulta sua compreensão.

No entanto, apesar de sua complexidade (ou precisamente devido a ela), “ao Novo Testamento foi dedicada uma atenção investigativa muito maior que a qualquer outro tipo de literatura de extensão comparável no mundo”,³ o que o torna um conjunto documental de suma importância para a compreensão da cultura ocidental de tradição cristã.

Além disso, como fonte histórica, permite uma aproximação de primeira mão ao conhecimento das origens do cristianismo no contexto da tradição religiosa judaica, à cultura grega e ao domínio político do Império Romano.

Mais ainda: como texto sagrado e a partir de uma perspectiva cristã, é condição inevitável para compreender o modo como Deus fala e atua na história através do acontecimento Jesus Cristo e quais são as características essenciais de seu seguimento.

Deste modo, um estudo sistemático do Novo Testamento poderá capacitar seus leitores atuais e potenciais para captar melhor o sentido de sua mensagem, e poderá propiciar, para as comunidades crentes, uma escuta mais atenta e responsável daquilo que foi considerado o ponto culminante da Revelação cristã escrita.

³ Brown, Raymond. *Introducción al Nuevo Testamento: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas*. Madrid: Trotta Editorial, 2002, p. 14. Este livro está publicado em português pelas Paulinas: **Introdução ao Novo Testamento**.

JUSTIFICATIVA DO ALBERGUE

Do ponto de vista literário, “o Novo Testamento é um conjunto de escritos de origem e caráter muito diferentes, que unidos entre si formam a parte principal da Bíblia cristã”.

“É, por sua vez, um livro e um conjunto de livros. Não é uma obra simples, unitária, e sim um complexo de escritos que frequentemente não concordam entre si: cada uma de suas partes mostra, por vezes, ideias diferentes”,⁴ mas com um fio condutor em comum: o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo e sua vivência por parte das comunidades cristãs.

Do mesmo modo, do ponto de vista histórico, o Novo Testamento pode ser mais bem compreendido se forem levadas em conta as circunstâncias políticas, religiosas, econômicas e sociais em que foi redigido, especialmente a partir do ponto de referência amplo correspondente à realidade do Império Romano.

A esse respeito, Crossan ressalta um contraste importante:

No transcorrer de um único século, em dois extremos desse mar cruel e formoso que é o Mediterrâneo, houve dois homens que foram chamados de *filho de deus* em vida e simplesmente *deus* uma vez mortos. Um deles, Octavio, ocupava o topo da aristocracia romana, enquanto que o outro, Jesus, pertencia à camada mais baixa do campesinato judaico.⁵

Enquanto os escritos de Virgílio e os monólitos monumentais tenham gravado os relatos legendários sobre o *filho de Deus* romano, o Novo Testamento, por sua vez, reuniu os primeiros escritos referentes ao simples camponês da Galileia, e como este e o seu anúncio da chegada de um Reino foram propostos como alternativas desafiadoras da teologia imperial dominante, a tal

⁴ Piñero, Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta, 2008, p. 21.

⁵ Crossan, John Dominic. **Jesus, biografia revolucionaria**, Barcelona: Editorial Grijalbo, 2004, p. 18. Este livro está publicado em português pela editora Imago: **Jesus, uma biografia revolucionária**.

ponto que acabou na morte cruel daquele e na amarga perseguição de seus seguidores.

Mas, esta não é apenas a história da execução de um homem e o fracasso de seu projeto. No coração do Novo Testamento subsiste a crença de que ele foi reivindicado por Deus e seu Espírito continua atuando no meio de seus seguidores.

Tal coleção de escritos acabou por ser instaurada na carta fundacional da religião mais difundida do mundo ocidental, o cristianismo.

OBJETIVO DO ALBERGUE

O albergue pretende oferecer uma visão panorâmica do Novo Testamento:

- à maneira de um “guia de viagem”,
- que permite aos leitores-viajantes se aproximarem de forma crítica dos textos contidos nele,
- e que ajude a compreender seu contexto histórico, literário e teológico,
- tentando encurtar distâncias entre o tempo de sua redação e o atual,
- com a finalidade de avaliar sua importância e influência como texto fundador do cristianismo
- e como patrimônio literário essencial no desenvolvimento da cultura ocidental.

ITINERÁRIO DO ALBERGUE

Fase	Conteúdo
1 O que é o Novo Testamento? Chaves para abrir o texto	1.1 Níveis de leitura do texto bíblico 1.2 De uma leitura fundamentalista a uma leitura hermenêutica 1.3 O que é o N.T.? 1.4 Como está organizado o N.T.?
2 Como se formou o Novo Testamento? O processo de construção do texto	2.1 Como foi escrito o N.T.? 2.2 Como se formou o cânone do N.T.? 2.3 O que são os apócrifos do N.T.? 2.4 Como o N.T. chegou até nós?
3 Qual é o mundo do Novo Testamento? O contexto do texto	3.1 Qual é o marco geográfico do N.T.? 3.2 Qual é o marco histórico do N.T.? 3.3 Qual é o marco político, econômico, social e religioso do N.T.? 3.4 O que se sabe sobre a existência histórica de Jesus de Nazaré?
4 O que é o Evangelho e como ele cria comunidades? A experiência de Paulo	4.1 O Evangelho: “O coração do Novo Testamento” 4.2 Estrutura e classificação do <i>corpus paulino</i> 4.3 Aspectos diferenciadores nas tradições paulinas 4.4 Linhas e diretrizes do pensamento paulino
5 Como o Evangelho se manifestou nas comunidades religiosas? Os evangelhos sinópticos e os Atos dos apóstolos	5.1 Jesus e a tradição oral da Igreja 5.2 O problema sinóptico 5.3 O evangelho segundo Marcos 5.4 O evangelho segundo Mateus 5.5 O evangelho segundo Lucas e os Atos dos apóstolos
6 Como Jesus foi compreendido na comunidade do discípulo amado? A tradição joanina	6.1 Aspectos literários do quarto evangelho. 6.2 A cristologia do quarto evangelho 6.3 A eclesiologia do quarto evangelho 6.4 As cartas de João
7 Quais são as formas principais através das quais o Evangelho foi comunicado? Os subgêneros dos evangelhos	7.1 Os relatos da infância de Jesus 7.2 As parábolas de Jesus 7.3 Os relatos de curas e exorcismos 7.4 Os relatos da paixão

<p style="text-align: center;">8</p> <p>Como foi vivido o Evangelho no interior das comunidades e no meio do Império Romano? Cartas de Tiago, Pedro, Judas e Apocalipse</p>	<p>8.1 Epístola de São Tiago 8.2 Epístolas de Pedro 8.3 Epístola de Judas 8.4 O Apocalipse</p>
--	--

MESA 1

O QUE É O NOVO TESTAMENTO?

Chaves para abrir o texto

INTRODUÇÃO

Em uma primeira fase apresentaremos quais são os níveis de leitura do texto bíblico em geral, passando de uma leitura fundamentalista a uma leitura hermenêutica.

Na segunda fase passaremos a apresentar “O que é o Novo Testamento”. Será explicado como teologicamente a Nova Aliança está centrada na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo, e sua influência na formação das comunidades cristãs.

Terminaremos a MESA apresentando como o Novo Testamento está constituído e como foram organizados os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, o Apocalipse e as Cartas.

ORAÇÃO

Te damos graças, ó Deus Misericordioso, pelo dom da vida, pelas coisas maravilhosas e pela saúde de cada um de nós.

Ó Deus Misericordioso, te pedimos que nos envie teu Santo Espírito para iluminar nossos corações e nossas mentes, para que possamos entender o que vamos aprender neste momento.

Abençoa-nos, ó Deus, e guia-nos para que possamos manter e aumentar nossa fé.

Te pedimos por Jesus Cristo teu Filho que vive contigo na unidade do Espírito Santo e és Deus pelos séculos dos séculos. Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

1.1- Níveis de leitura do texto bíblico

Para interpretar e compreender adequadamente qualquer texto da Bíblia deve-se levar em conta estes aspectos:

a) Texto (nível literário)

O sentido literal é o sentido preciso dos textos tal e como foram produzidos por seus autores, o que se entende simplesmente da leitura e análise do texto. O sentido literal não deve ser confundido com o sentido “literalista”, ao qual os fundamentalistas se aderem. Não basta traduzir um texto palavra por palavra para obter seu sentido literal. É necessário compreendê-lo segundo as convenções literárias de seu tempo.⁶

“O **sentido literal** não significa interpretar o texto ao pé da letra, mas sim de buscar o sentido dado a ele pelo autor de tal texto, levando em conta a intenção do autor, o auditório/público a quem se dirigia, a situação de seu tempo e o gênero literário empregado”.⁷ “Os gêneros literários são uma forma determinada de escrever, regulada por normas de uso comum em uma época ou região, correspondente à intenção do autor”.⁸

b) Contexto (nível sócio-histórico)

O contexto se refere às realidades sócio-históricas do texto. Do mesmo modo que um colombiano ao ler o jornal capta muitos matizes de significado pelo simples fato de compartilhar com os jornalistas o mesmo período histórico, a mesma cultura e a mesma sociedade – matizes que um estrangeiro não capta com tanta facilidade, se é que os capta –, também os leitores originais dos textos bíblicos desfrutavam de uma vantagem parecida. O/A leitor(a) moderno(a) tem uma enorme desvantagem para captar as matizes sócio-históricas, uma vez que há uma enorme distância histórica. O contexto tem a ver com a cultura, a sociedade e a história. O/A leitor(a) atual precisa fazer um esforço especial para entrar no “mundo” do texto.⁹

Os livros da Bíblia possuem uma antiguidade de 3.500 a 2.000 anos. Além disso, foram escritos a partir de uma cosmovisão totalmente hebraica (também os livros do Novo Testamento) e a partir de um ponto de vista religioso hebraico. O Antigo Testamento relata episódios dos costumes e da cultura

⁶ Pontificia Comisión Bíblica. “La Interpretación de la Biblia en la Iglesia”. Este documento encontra-se também em português no site do Vaticano sob o título: “**A Interpretação da Bíblia na Igreja**”.

⁷ Rivero, Antonio L.C. “Entradas en forma de fichas sobre la Biblia”. Documento disponível na Web (apenas em espanhol).

⁸ Curso Bíblico. Documento disponível na Web (apenas em espanhol).

⁹ “Niveles de contexto y lectura bíblica”. Documento disponível na Web (apenas em espanhol).

judaica antiga, enquanto que o Novo Testamento foi escrito quando o povo israelita estava sob o domínio Romano. Tudo isso significa que a Bíblia é um documento histórico, com idiomas, culturas e costumes totalmente diferentes aos de nosso mundo. Sem entender o contexto histórico-cultural de um texto, não poderemos nos aproximar da intenção que o autor tinha em mente quando o escreveu.¹⁰

c) Pretexto (nível teológico e pastoral)

“O nível pretexto nos mostra a intenção salvadora do texto bíblico”.¹¹ A exegese é uma tarefa teológica, ou seja, que é feita a partir da fé e a serviço da fé, e que se incorpora em seu esforço interpretativo à dinâmica religiosa intrínseca aos textos neo-testamentários, explicando e desenvolvendo esta dimensão teológica. Uma leitura contextual põe de manifesto que as ideias teológicas não caem do céu, como fórmulas puras e atemporais.

Descobrimos sempre uma relação entre a situação das comunidades (contexto social) e a expressão da fé (sua confissão de Cristo, a forma de entender a comunidade, sua relação com o mundo, seu vínculo com Jesus). A mensagem religiosa, a revelação divina para o religioso, não é feita em estado puro e abstrato, mas sim situado historicamente, condicionado e limitado.

A Bíblia é testemunho da revelação na medida em que dá testemunho dela através da fé presente na confissão e vida de diversas comunidades. Apenas nestas “vasilhas de barro” temos a revelação salvadora. “A mensagem cristã primitiva não existe como um *kerigma* (mensagem, pregação, anúncio ou proclamação) que possa ser abstraída por trás dos textos, mas apenas em diferentes justificativas históricas”.¹²

¹⁰ “Interpretando la Biblia: el proceso de interpretar”. Documento disponível na Web (apenas em espanhol).

¹¹ Casas, Juan. “Nuevo Testamento: Apuntes de clase. Introducción al Nuevo Testamento”. Pontificia Universidad Javeriana, II semestre 2016 (documento disponível apenas em espanhol).

¹² Aguirre Monasterio, Rafael (Edit). **El Nuevo Testamento en su contexto: Propuestas de lectura**. Estella: Verbo Divino, 2013, p. 28-29. (disponível apenas em espanhol).

1.2- De uma leitura fundamentalista a uma leitura hermenêutica

a) Uma leitura fundamentalista

A leitura fundamentalista assume que o texto bíblico é revelado, não inspirado. Que, portanto, todo o narrado aconteceu historicamente e seus preceitos devem ser obedecidos ao pé da letra, sem qualquer mediação crítica.

A partir desta definição, vamos ver as características de uma leitura fundamentalista que orienta alguns religiosos de modo contrário ao que a Igreja crê. O Papa Bento XVI nos conscientiza sobre este aspecto problemático dizendo:

O fundamentalismo evita a estreita relação do divino e do humano nas relações com Deus (...). Por esta razão, tende a tratar o texto bíblico como se tivesse sido ditado palavra por palavra pelo Espírito, e não chega a reconhecer que a Palavra de Deus foi formulada em uma linguagem e em uma fraseologia condicionadas por uma ou outra época determinada.¹³

“O fundamentalismo é anti-hermenêutico por princípio”,¹⁴ ou seja, não está usando os critérios hermenêuticos; apenas centra sua interpretação ao pé da letra, compreendendo a Palavra de Deus superficialmente, ou conserva a revelação de Deus. Como diz a Pontifícia Comissão Bíblica (1993):

A leitura fundamentalista parte do princípio de que, sendo a Bíblia Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos seus detalhes. Por “interpretação literal” se entende uma interpretação primária, literalista, ou seja, que exclui todo o esforço de compreensão da Bíblia, que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento. Se opõe, pois, ao emprego do método histórico-crítico, assim como de todo método científico para a interpretação da Escritura.¹⁵

Antes de ler um texto, um dos aspectos que devemos ter presente é seu contexto histórico. Muitos crêem absolutamente no que passou sem a interpretação daquele tempo, quando os textos sagrados começaram a ser postos por escrito.

¹³ Papa Bento XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Verbum Domini*”, 79.

¹⁴ Fernández, Felipe. **Fundamentalismo Bíblico**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008, p. 33.

¹⁵ Pontifícia Comissão Bíblica, **A Interpretação da Bíblia na Igreja**, 67.

A dificuldade da leitura fundamentalista está no problema do exercício da compreensão de um texto sagrado, tendo como referência seu significado original na cultura específica; por exemplo, num mesmo Evangelho se apresentam culturas distintas: a hebraica se distingue da grega, e esta última, da que temos hoje.

O fundamentalismo se dirige ao horizonte do presente e sua ingerência no futuro, sem olhar o passado com seus valores e costumes.

Outro erro que encontramos na leitura fundamentalista é “a tergiversação dos sentidos para perpetuar um *Status quo*”;¹⁶ ou seja, o fundamentalismo dá uma interpretação forçada ou errada a palavras ou acontecimentos para que siga correspondendo em todos os momentos com o estabelecido.

Para concluir, é oportuno mencionar aqui que o fruto de uma mentalidade fundamentalista tem uma concepção bíblica infantil, pois, sem olhar a totalidade da Escritura, tende a aumentar a distância entre o contexto antigo e a realidade atual.

Portanto, a Bíblia não é um lugar no qual podemos encontrar as respostas para os problemas pessoais, familiares e sociais; a abordagem fundamentalista é perigosa porque nos leva a uma ilusão sobre um falso conceito de pensamento sobre a Escritura.

b) Uma leitura hermenêutica

Ao contrário do fundamentalismo, a hermenêutica assume a realidade dos escritos bíblicos a partir de sua dimensão textual, contextual e pré-textual.

Sem negar sua inspiração, considera que, para captar melhor seu sentido, é necessário conhecer o fundo histórico e cultural em que foram escritos, tratando de diferenciar o próprio autor humano (que é contingente e relativo) da

¹⁶ Casas, Juan, op. cit.

mensagem salvadora em que Deus se revela historicamente. Tal processo interpretativo recebe o nome de exegese.

A esse respeito a Pontifícia Comissão Bíblica afirma:

A exegese católica não procura diferenciar-se por um método científico particular. Ela reconhece que um dos aspectos dos textos bíblicos é ser obra de autores humanos, que utilizaram suas próprias capacidades de expressão e de meios que seu tempo e seu meio social punham à sua disposição. Em consequência, ela utiliza, sem segundas intenções, todos os métodos e abordagens científicas que permitam captar melhor o sentido dos textos em seu contexto linguístico, literário, sociocultural, religioso e histórico, iluminando-os também pelo estudo de suas fontes e tendo em conta a personalidade de cada autor.¹⁷

Uma característica de uma leitura hermenêutica é olhar o contexto a partir dos ganhos científicos que foram descobertos, para facilitar uma investigação completa e detalhada sobre a Escritura Sagrada; por exemplo: o cuidado da crítica histórica, literária, das formas e textual, entre outros.

A leitura hermenêutica permite compreender o sentido pleno da Escritura porque, tendo a compreensão genuína do texto sagrado e as reflexões atuais da hermenêutica bíblica, resulta em um exercício completo de compreensão da Sagrada Escritura.

A reinterpretção à luz do contexto atual, sem perder o sentido original do texto sagrado é, além disso, uma atitude das opções favoráveis da hermenêutica bíblica atual, porque aceita que a Escritura Sagrada transmite a vontade de Deus, que será em cada oportunidade a mesma de ontem, hoje e sempre. “Deus, nosso Salvador... quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento pleno da verdade” (1Tm 2,3-4).

1.3- O que é o Novo Testamento?

O Novo Testamento, como realidade teológica, é uma relação nova entre Deus e nós por amor onde, numa compreensão cristã, são cumpridas as promessas

¹⁷ Pontifícia Comissão Bíblica. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, 83.

feitas desde o Antigo Testamento, colocando Jesus Cristo como o ápice das promessas de Deus pela aliança que tem com seu povo.

Tal aliança se expressa a partir do Êxodo (Ex 3,7-8) e mostra a intenção amorosa de Deus para com seus filhos e que, com a encarnação de seu Filho, chega fazer-se servo para servir, por amor. (Mt 20,28).

O Novo Testamento ressalta por escrito a plenitude da Revelação divina, que tomou corpo entre a metade do século I e os primeiros anos do século II d.C.¹⁸

O Novo Testamento é a interpretação dos fatos à luz da fé, e contém em si próprio uma tensão entre unidade e diversidade – literária, eclesiológica e teológica. Por isso, não é de estranhar nele tensões e divergências, inclusive contradições.¹⁹

Como conjunto de livros, compreende 27 livros canônicos, aqueles que no transcorrer do tempo foram reconhecidos pela Igreja como expressão autêntica da fé da primitiva Igreja apostólica.²⁰

Günther Schiwy diz que estes livros reproduzem a mensagem de Cristo como testemunho da Nova Aliança que Deus concluiu definitivamente em Jesus Cristo com toda a humanidade; e completam assim os livros do Antigo Testamento, que relatam a aliança preparatória com o povo de Israel.²¹ O Novo Testamento é a manifestação da atuação salvadora de Deus em Jesus Cristo, que é mostrada em todas as obras do Novo Testamento.

O Novo Testamento não é um começar de novo, mas sim a continuação da mesma história de salvação. Os escritos do Novo Testamento manifestam sua relação com o Antigo Testamento, pois o “Deus da antiga Aliança é também o

¹⁸ Casas, Juan, op. cit.

¹⁹ Idem.

²⁰ Schiwy, Gunther. **Iniciación al Nuevo Testamento**. Ed. Sígueme, España, 1969, p.17.

²¹ Idem, p. 17.

Deus da nova; o Deus de Abraão, Isaac e Jacó é idêntico ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”.²²

Ainda que o Novo Testamento nos mostre a figura e a transcendência de Jesus de Nazaré, é necessário ressaltar que Jesus não escreveu nada. Etienne Charpentier diz que o Nazareno falou e viveu. Isso é tudo o que impressionou seus discípulos.²³

Para poder conhecer a procedência dos livros do Novo Testamento, Günther Schiwy diz que os livros originais do Novo Testamento foram escritos entre os anos 50 e 100 d.C. em papiros pouco duráveis e estes já se perderam. No entanto, foram conservadas diversas cópias sobre pergaminhos. “Já desde fins do século I está comprovada a existência de escritos novo-testamentários por citações em outras cartas e livros”.²⁴

O Novo Testamento é o depósito escrito da tradição oral apostólica na qual se guarda, confirma e se expõe, como fonte de sua fé, a tradição anterior à Escritura.²⁵ “A escritura está acima da tradição pós-apostólica e confirma, da mesma maneira, que o originado está ligado a suas origens”.²⁶

Podemos dizer, segundo Antonio Piñero, que as obras do Novo Testamento têm ao menos quatro características em comum:²⁷

- Todos os seus autores foram judeus do século I e inícios do século II d.C.
- Seu entorno sociológico e histórico é o mediterrâneo oriental do século I d.C.
- Todos os seus autores o escreveram em grego Koiné.
- Todos os seus autores tentam explicar o mundo e o ser humano em sua relação com Deus através da fé em uma mesma pessoa: Jesus de Nazaré.

²² Idem, p. 17.

²³ Charpentier, Etienne. **Para leer el nuevo testamento**. Editorial Verbo Divino, 2006, p. 11.

²⁴ Gunther Schiwy, op. cit., p. 18.

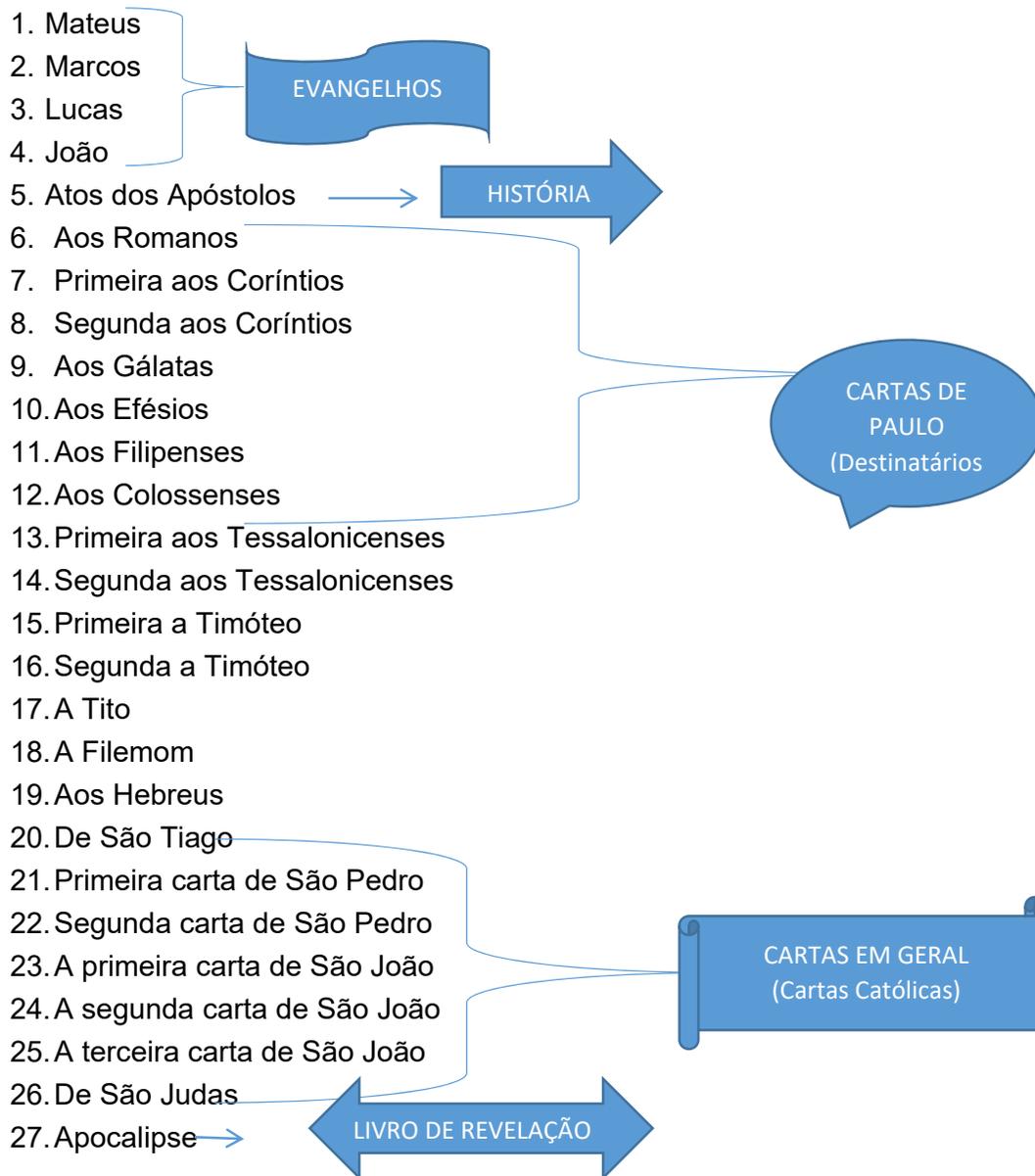
²⁵ Idem, 19.

²⁶ Idem, 19

²⁷ Piñero, Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta, 2008, p. 21-23.

1.4- Como está organizado o Novo Testamento?

➤ *Organização Canônica do Novo Testamento*²⁸



²⁸ Casas, Juan. "Nuevo Testamento: Apuntes de clase. Introducción al Nuevo Testamento". Pontificia Universidad Javeriana, II semestre 2016 (documento disponível apenas em espanhol).

- **Organização do Novo Testamento por “corpus”²⁹**
- ✓ Paulo (13 cartas + carta aos Hebreus) = Paulino
 - ✓ Lucas (Evangelho + Atos) = Lucano
 - ✓ João (Evangelho + Cartas + Apocalipse) = Joanino
 - ✓ Marcos (Evangelho + Pedro) = Marcano
 - ✓ Literatura restante (São Tiago + Judas + Mateus)

RESUMO:

Nesta MESA tenta-se responder à seguinte pergunta:

O que é o Novo Testamento?

Razão pela qual se faz referência aos diferentes níveis de leitura e os cuidados que se deve ter para não cair em uma leitura fundamentalista, que não permite conhecer o contexto no qual ocorreram os fatos.

É proposta uma leitura hermenêutica que inclui texto, contexto e pretexto. Em outras palavras, uma leitura fundamentalista é aquela que se faz ao pé da letra e se entende a palavra de Deus de forma superficial e tergiversada, sem levar em conta o contexto histórico e a cultura; diferentemente da leitura hermenêutica, que é feita a partir do contexto e do pretexto com todos os elementos que a incluem.

Quanto à organização do Novo Testamento, este se divide em evangelhos, cartas de Paulo, cartas católicas e outros livros, como os Atos dos Apóstolos (história da Igreja) e o Apocalipse (Revelação).

²⁹ Idem.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

- 1) Por que necessitamos do texto, contexto e pretexto para compreender a Sagrada Escritura?
- 2) Qual é a diferença entre a leitura fundamentalista e a leitura hermenêutica?

AVALIAÇÃO:

Responda com falso (F) ou verdadeiro (V):

1. A leitura literal das Sagradas Escrituras nos leva a compreender a intenção do texto. (V) (F)
2. Uma leitura fundamentalista leva em conta a forma e o contexto literário dos relatos. (V) (F)
3. O autor dos Evangelhos é Jesus de Nazaré. (V) (F)
4. O novo testamento não tem nada a ver com o Antigo Testamento. (V) (F)

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

- Bento XVI. Exortação apostólica pós-sinodal “*Verbum Domini*”.
- Brown, Raymond. **Introducción al Nuevo Testamento: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas**. Madrid: Trotta, 2002.
- Casas, Juan. “**Nuevo Testamento**. Apuntes de clase. Introducción al Nuevo Testamento”. Pontificia Universidad Javeriana, II semestre 2016.
- Charpentier, Etienne. **Para leer el Nuevo Testamento**. Editorial Verbo Divino. 2006.
- Fernández, Felipe. **Fundamentalismo Bíblico**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.
- Schiwy, Gunther. **Iniciación al Nuevo Testamento**. Ed. Sígueme, España, 1969.
- Lakatos Janoska, Eugenio. **Introducción a la Sagrada Escritura**. Universidad Santo Tomas: Bogotá, 1983.
- Pontificia Comisión Bíblica. **La interpretación de la Biblia en la Iglesia**. Madrid: Editorial y Distribuidora S. A., 2007.

Aguirre Monasterio, Rafael (Edit). **El Nuevo Testamento en su contexto: Propuestas de lectura**. Estella: Verbo Divino, 2013.

Cibergrafía:

- a) Documento de la Pontificia Comisión Bíblica:
<https://rsanzcarrera2.wordpress.com/2012/06/13/los-tres-niveles-de-sentido-de-la-sagrada-escritura/> (consultado el 25 de octubre de 2016).
- b) Rivero Antonio LC. Entradas en forma de fichas sobre la Biblia. Tomado de: <http://revelacion-biblica.blogspot.com/2010/06/unidad-3-la-biblia.html>.
- c) Curso Bíblico:
<http://azur-wwwcbilcom.blogspot.com.co/2009/11/capitulo-tercero-la-biblia-palabra.html> (consultado el 25 de octubre 2016).
- d) Niveles de contexto y lectura bíblica:
<http://www.facultadseut.org/media/modules/editor/seut/docs/separata/separ024.pdf>. (Consultado el 25 de octubre de 2016).
- e) Interpretando la Biblia: El proceso de interpretar (lección 1):
<https://es.scribd.com/doc/51567667/Interpretando-La-Biblia> (consultado el 25 de octubre de 2016).

MESA 2

COMO SE FORMOU O NOVO TESTAMENTO?

O processo de construção do texto

INTRODUÇÃO

A presente MESA tem como objetivo dar uma resposta à pergunta: **como se formou o Novo Testamento**, tendo como primeiro plano de conhecimento o seu protagonista principal e fundamento para sua redação: Jesus de Nazaré.

Foi o acontecimento de sua ressurreição que marcou a primeira comunidade cristã, formada pelos apóstolos e testemunhas do ocorrido, e seu testemunho foi sendo transmitido ao longo do tempo, basicamente de duas formas: pela tradição oral e pelos escritos; estes últimos representam todo um universo literário e dentro deles se encontra o Novo Testamento.

A formação de seu cânone foi uma árdua tarefa, a qual terminou de ser realizada com o Concílio de Trento (1545-1563 d.C.). Dentro de tal Concílio foi estabelecido o cânone de 27 livros, tal e como o conhecemos hoje em dia.

No entanto, há outros livros não incluídos no cânone; estes são denominados de apócrifos, nos quais se encontram eventos que não constam na Sagrada Escritura.

Todos estes temas fazem parte da história da formação do Novo Testamento, e serão explicados de forma resumida.

ORAÇÃO

Espírito Santo, Senhor e doador de sabedoria.

Ilumina nossas mentes, e faz-nos compreender a forma misteriosa com que inspiraste a Sagrada Escritura.

Tu que te serviste dos homens e mulheres para transmitir a boa nova de Cristo, servindo-te de suas vozes, suas vidas e seus escritos para manifestar o amor de Deus.

Ilumina nossas mentes, mas, sobretudo, Espírito de Deus, não permita que esta Boa Nova fique unicamente em um papel.

Continue escrevendo-a em nossas vidas; imprime-a em nossa existência, para que possamos amar a Deus e ao próximo com toda nossa alma, mente e todas as nossas forças. Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

2.1- Como foi escrito o Novo Testamento?

Recordemos que Jesus de Nazaré é a razão fundamental pela qual o Novo Testamento foi escrito.

Os evangelhos falam sobre a vida de Jesus e sobre sua mensagem, e podemos ver isso, por exemplo, no prólogo de São João (Jn 1,17-18); (Mc 1,1ss). No entanto, há os que dizem que Jesus nunca existiu, o que seria um problema para a fé cristã; de modo contrário a isso, os estudos tanto de historiadores como de antropólogos confirmam a existência de Jesus.

Podemos encontrar fontes cristãs e não cristãs que ajudam a reconstruir a vida de Jesus. Um dos mais importantes foi Flavio Josefo, que apresenta várias vezes textos relacionados com Jesus de Nazaré.³⁰ Quanto às fontes cristãs mais confiáveis, elas são encontradas nos evangelhos sinópticos.

Pois bem: **podemos confiar nos evangelhos?** A resposta a esta pergunta é complexa, pois não apenas torna-se necessário comparar os dados dos evangelhos entre si, mas também a teologia peculiar que leva a apresentar os fatos, tais como milagres, fatos históricos, falas e atos de Jesus, etc.

³⁰ Piñero, Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta, 2008, p. 152-154.

Por outro lado, há algo que chama a atenção da pesquisa sobre o Jesus histórico, e é sobre as diferentes maneiras de apresentá-lo, seja como um "mestre de sabedoria ou um profeta escatológico";³¹ mas não há dúvida que, de alguma maneira, sabemos que Jesus existiu e é parte fundamental, ou melhor dito, é a "pedra angular" (Mt 21,42) de toda a revelação e pregação cristã.

Embora saibamos de Jesus, devemos entender que há uma interpretação, transmissão e recepção de suas falas, ou da "Boa Nova" (At 13,32), que chegou através da geração apostólica.

Frequentemente nos perguntamos: Jesus escreveu os evangelhos? Na verdade, tudo o que aconteceu foi escrito no instante em que aconteceu?

Segundo estudos históricos, não foi assim. Ao que parece, Jesus nunca escreveu nada que contivesse sua revelação, diferentemente de Moisés, de quem se diz que escreveu o Pentateuco.³²

Então, quem escreveu os Evangelhos e os demais conteúdos da revelação?

Para conhecer isso, deve-se levar em conta que os primeiros cristãos não começaram a escrever sobre Jesus assim que ele morreu, mas sim que a recepção e redação por parte da geração cristã não dependia da escritura, mas sim da tradição oral proclamada pelos Apóstolos ou pelos que os haviam escutado.

No entanto, é dito que, no princípio, o que mais era relatado era a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Pois:

³¹ Cf. Theissen Gerd y Merz Annette. **El Jesús Histórico**. Salamanca: Sigueme, 1999.

³² Brown, Raymond. **Introducción al Nuevo Testamento: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas**. Madrid: Trotta, 2002, p. 48. Este livro está publicado em português pelas Paulinas: **Introdução ao Novo Testamento**.

"Se Deus, para dar-nos sua revelação, quis servir-se dos homens dos mais variados caracteres e talentos, não os tratou como meramente instrumentos passivos: cada um dos autores (dos livros do Novo Testamento) tem sua maneira pessoal de transmitir a mesma Palavra de Deus".³³

Uma vez que, para os primeiros cristãos, a visão escatológica³⁴ era muito forte, no princípio os primeiros cristãos não se animavam a escrever livros, já que pensavam que a chegada iminente de Cristo estava perto; ou seja, tinham um comportamento fortemente escatológico e, portanto, não viam necessidade de registrar por escrito os fatos, pois os seguidores de Cristo já não estariam mais ali para lê-los; quer dizer, já se teriam ido com Cristo.³⁵

No entanto, com o passar do tempo, começaram a desesperar-se, pois a vinda antecipada de Cristo não acontecia, e então os primeiros cristãos começaram a se preocupar, e em razão disso houve muitas dúvidas.

Para amenizar estas dúvidas, começaram a escrever cartas dirigidas a diferentes pessoas, constituindo-se na primeira literatura cristã que conhecemos.

A escritura e conservação de escritos cristãos foi um longo processo, pois os cristãos consideravam os escritos no mesmo nível das escrituras judaicas, razão pela qual não foram apenas conservados, mas acabaram sendo considerados como únicos.³⁶

Às vezes pensamos que a Bíblia sempre existiu para nós, os cristãos; no entanto, não foi assim. O processo de escritura e conservação dos escritos cristãos passaram por um processo ao longo dos séculos. Devido a este

³³ Robert André y Feuillet André. **Introducción a la Biblia**. Traducido por Alejandro Ros. Barcelona: Herder, 1965, p. 808.

³⁴ A Escatologia pode ser definida como um termo moderno que indica a parte da teologia que considera as fases "finais" ou "extremas" da vida humana ou do mundo: morte, juízo universal, pena ou castigo extraterreno e fim do mundo. Os filósofos usam às vezes esse termo para indicar a consideração dos estágios finais do mundo ou do gênero humano. Ver: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes, 6ª Edição, 2012.

³⁵ Brown, R., op. cit., p. 48.

³⁶ Brown, R., op. cit., p. 53.

processo, podemos ter hoje a nossa Bíblia completa em casa e todos os livros do Novo Testamento que, como já sabemos, foram escritos para as comunidades cristãs da época.

Pois bem: temos que considerar que nunca conheceremos todos os detalhes sobre como foram escritos, conservados, selecionados e compilados os 27 livros do Novo Testamento; mas sabemos, sim, que eles são o instrumento mais importante para colocar milhões de pessoas em contato com Jesus de Nazaré e com os primeiros seguidores que o proclamaram.

2.2- Como se formou o cânone do Novo Testamento?

O termo *cânone* designa: regra de medir, regra de conduta, norma, modelo, lista, catálogo, tabela. No século II se encontram fórmulas como: regra da verdade, regra de fé e regra da igreja.

A partir do século IV, com o Concílio de Laodicea (ano 363), a Igreja faz referência à lista dos Livros do Antigo e do Novo Testamento.

Em 8 de abril de 1546, o Concílio Tridentino publicou um decreto, *De Canonicis Scripturis*, em que são nominalmente enumerados os livros de ambos os Testamentos que a Igreja Católica reconhece como canônicos e como coleção oficial dos Livros Inspirados, os quais têm absoluta autoridade. Os concílios posteriores atribuíram a eles o caráter dogmático, infalível e irreformável.³⁷

Em suma, o cânone do Novo Testamento, como tal, é o conjunto de livros considerados como divinamente inspirados e que constituem o Novo Testamento da Bíblia cristã. Para a maioria, é uma lista acordada de vinte e sete livros que inclui os Evangelhos canônicos, os Atos dos Apóstolos, as cartas dos Apóstolos e o Apocalipse.

³⁷ Wikenhauser, Alfred & Schmid, Josef. **Introducción al Nuevo Testamento**. Barcelona: Editorial Herder, 1978, p. 58-59.

a) Começo da formação do cânone do Novo Testamento

Onde e quando os quatro Evangelhos se uniram em uma coleção é coisa que não pode ser dita com plena certeza. Segundo A. Harnack, a coleção e o ordenamento dos quatro livros ocorreram na Ásia Menor, sob Adriano (117-138).³⁸

Os escritos do Novo Testamento, por terem sido em sua maioria escritos dirigidos a comunidades particulares, não foram conhecidos imediatamente por toda a Igreja cristã. No entanto, temos desde os primeiros tempos da Igreja testemunhos de grande valor que demonstram a existência destes escritos sagrados. Vejamos alguns deles:

- ❖ *Marcion (144)*: é o primeiro a defender a ideia de colecionar os Escritos Sagrados; criou seu Cânone, que precedeu o da Igreja. Influenciado por crenças não cristãs, considerou que o Deus de que fala o Antigo Testamento não é o Deus verdadeiro, razão pela qual rechaçou, em bloco, todos os livros da Bíblia hebraica. Por aqueles escritos, então, não havia sido estabelecido na igreja qualquer cânone, e por isso pode ser afirmado que Marcion é o primeiro a definir um cânone de livros cristãos. Segundo ele, era constituído pelo Evangelho de Lucas e por dez das epístolas paulinas (todas, menos as cartas pastorais; Hebreus não conta).³⁹
- ❖ *Justino (150)*: utiliza uma denominação original para designar os Evangelhos: "As Memórias dos Apóstolos". Cita os Evangelhos como autoridade suprema.
- ❖ *Irineu de Lyon*: uma insistência sobre a existência de um cânone de quatro evangelhos, e não outros, foi um tema central de Irineu de Lyon. Denunciou vários grupos cristãos precoces que utilizavam um único Evangelho, como o marcionismo, que utilizava apenas a versão de Lucas; ou os ebionitas, que parecem ter utilizado uma versão aramaica de Mateus; assim como grupos

³⁸ Idem, p. 67.

³⁹ Idem, p. 77.

que utilizavam mais de quatro evangelhos, como os valentinianos. Declarou que os quatro evangelhos que defendia eram os quatro pilares da Igreja, e que não é possível que possa haver mais ou menos de quatro, apresentando como lógica a analogia dos quatro cantos da terra e os quatro ventos.

Sua imagem, tomada de Ezequiel 1 ou de Apocalipse 4,6-10, é a do trono de Deus rodeado de quatro criaturas com quatro caras; o aspecto de suas caras era de homem, de leão, de boi e de águia. Esta é a origem dos símbolos convencionais dos evangelistas: o leão (Marcos), o boi (Lucas), a águia (João) e o homem (Mateus). Irineu estava, em última instância, certo em declarar que os quatro evangelhos coletivamente, e exclusivamente estes quatro, continham a verdade.⁴⁰

- ❖ *Fragmento de Muratori*: é o mais antigo escrito eclesiástico sobre o Cânone do Novo Testamento do século II, descoberto em um manuscrito dos séculos VII–VIII do Monastério de Bobbio por L. A. Muratori, escrito em latim bárbaro. Não contém uma simples lista dos livros reconhecidos como canônicos, mas dá também explicações sobre o autor, destinatários, ocasião e finalidade de todos os escritos. Do mesmo modo, rejeita outros como não canônicos e heréticos.⁴¹

b) Critérios para o cânone

A igreja primitiva usou como critérios de canonicidade os seguintes elementos:

- *Antiguidade*: os escritos deviam ter sido escritos em tempos próximos à época de Jesus e seus Apóstolos.
- *Apostolicidade*: os escritos deviam ter sido escritos por um Apóstolo (por exemplo, Paulo) ou um companheiro dos apóstolos (por exemplo, Lucas, Marcos).

⁴⁰ Marguerat, Daniel. **Introducción al Nuevo Testamento, su historia, su escritura, su teología**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008, p. 453.

⁴¹ Piñero, Antonio & Peláez, Jesús. **El Nuevo Testamento, Introducción al estudio de los primeros escritos cristianos**. Madrid: El Almendro, 1995, p. 85-86.

- *Catolicidade*: a palavra grega quer dizer "Universal", e se refere aqui a um texto de uso generalizado (universalmente aceito) entre as igrejas.
- *Ortodoxia*: o livro devia estar em harmonia doutrinal com o restante dos textos Neotestamentários.⁴²

2.3- O que são os apócrifos do Novo Testamento?

O cânone do Novo Testamento que se conhece contém 27 livros; no entanto, estes não são os únicos que falam de Jesus; também há outros que são denominados apócrifos.

A palavra "apócrifo" deriva do verbo grego "*apokrypto*", que significa esconder ou separar; em latim é *apocryphus*, significando "ocultar longe".⁴³

Com esta palavra se classifica uma série de livros que as igrejas dos primeiros séculos haviam reconhecido como parte da Sagrada Escritura; no entanto, não foram incluídos no cânone porque, diferentemente dos canônicos, estes carecem de contemporaneidade com os apóstolos, e não foram difundidos em todas as comunidades.

Estes evangelhos e escritos apócrifos são de grande importância, pois graças à ampliação dos horizontes históricos nos estudos bíblicos do século XIX, começou-se a reconhecer que eles possuem valor como fontes históricas, e proporcionam muita clareza sobre os períodos que compreendem o final do Antigo Testamento e os inícios do Novo Testamento. Além disso, possuem informações sobre a evolução das crenças na imortalidade, ressurreição, temas escatológicos e influência das ideias helenistas no judaísmo.

Os apócrifos, segundo Aurelio de Santos Otero,⁴⁴ podem ser classificados da seguinte maneira:

⁴² http://www.cristianismo-primitivo.org/info_otros_estudios_canon.html.

⁴³ Tuggy Alfred E. **Léxico Griego – Español**. México (D.F.), Editorial Mundo Hispano, 1ª Edición, 1996, N° 613.

- ❖ *Evangelhos apócrifos perdidos*: são todos aqueles textos denominados judeu-cristãos. Sua particularidade está em que seus textos se perderam parcial ou totalmente, ficando alusões a diversas obras na literatura patrística. Foram escritos ou adotados por comunidades judaicas que teriam optado pelo cristianismo, mas sem renunciar à mentalidade semítica. Possivelmente estas comunidades se sentiam atraídas pelo *Evangelho de São Mateus*, ao qual copiavam ou parafraseavam de seu original escrito em "hebraico ou aramaico";⁴⁵ no entanto, esta última informação não é muito precisa.⁴⁶

- ❖ *Apócrifos da natividade e da infância*: estes são os textos que narram o nascimento e a infância de Jesus; entre eles, temos o *Protoevangelho de São Tiago*, escrito originalmente em grego antes do século II, e narra o nascimento e a infância da Virgem Maria até os 16 anos, o nascimento de Jesus, a matança dos inocentes e outros fatos mais. Outro livro é o evangelho do *Pseudo Mateus*, que alcançou muita popularidade nas igrejas orientais e encontrou difusão no mundo latino.⁴⁷

- ❖ *Apócrifos da paixão e ressurreição*: além dos evangelhos canônicos, existem outros que falam da paixão e da ressurreição. Entre eles, temos o *Evangelho de Pedro*, que procede do círculo gnóstico e não está totalmente de acordo com a doutrina de Jesus. Também se encontra o *Evangelho de Nicodemos e Atas de Pilatos*, que coloca Pilatos como figura protagonista, em cujo drama é defendida a posição da Igreja; outro livro como este é o *Evangelho de Bartolomeu*.⁴⁸

- ❖ *Apócrifos assuncionistas*: existem mais ou menos 70 peças conservadas em muitos manuscritos e em diversas línguas, nas quais são narradas

⁴⁴ Cf. De Santos Otero, Aurelio. **Los Evangelios Apócrifos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

⁴⁵ Idem, p. 3.

⁴⁶ Idem, p. 45.

⁴⁷ Idem, p. 119.

⁴⁸ Idem, p. 193.

lendas, como a Assunção de Maria. Entre estes, temos o *Livro de São João Evangelista, "o Teólogo"*; este é o mais difundido do ciclo assuncionista; estão incluídos ainda o *Livro de João, arcebispo de Tessalônia*, que fala do lugar da dormição. Entre outros livros também se encontram a *Narração de José de Arimatéia, e a correspondência entre Jesus e Abgar*.⁴⁹

2.4- Como o Novo Testamento chegou até nós?

O Novo Testamento foi escrito em grego por judeus seguidores de Cristo. Os primeiros escritos eram feitos em papiro e pergaminho.

O papiro era usado no Egito desde o ano 3000 a.C. É uma planta aquática cultivada em tanques, e usada por todo o antigo Egito.

Nos séculos I-IV, o formato reconhecido e aceito no Oriente Médio era o rolo. Anos depois foi usado o códice, que se converteu no meio universal para conservar a palavra escrita, e que contribuiu enormemente para a difusão da Bíblia. Os códices eram elaborados, em geral, com pequenas tábuas de madeira recobertas de cera.

Em Herculano, cidade sepultada junto a Pompéia pela erupção do Vesúvio no ano 79 d.C., foram encontrados textos escritos em polípticos. Alguns códices, que sobreviveram com o passar do tempo, foram feitos de folhas de papiro. Precisamente deste material são elaborados os códices cristãos mais antigos já conhecidos, conservados graças ao clima seco de certas regiões do Egito.⁵⁰

Por outro lado, as principais traduções bíblicas na antiguidade ocidental correspondem à grega e à latina:

a) Tradução grega:

Nos séculos anteriores à era cristã, o helenismo já se havia difundido e conseguido impor-se, não apenas no Oriente europeu, mas também em

⁴⁹ Idem, p. 303.

⁵⁰ www.nationalgeographic.com.es/historia/grandes-reportajes/pompeya_7468.

inúmeras regiões do Oriente Próximo e em boa parte do Egito. Desta maneira, o grego converteu-se na língua de muitas comunidades judaicas. Séculos depois, também os cristãos do mundo helenístico haviam lido uma versão do Antigo Testamento em grego, denominada como a Bíblia dos Setenta, ou *Septuaginta*.

Quanto ao Novo Testamento, este foi escrito em grego pelas razões já explicadas anteriormente, pois seus primeiros livros, como as Cartas de Paulo e o Evangelho de Marcos, eram dirigidas a judeus helenistas ou da diáspora.

O primeiro papiro do Novo Testamento (hoje conhecido como P11) foi descoberto por Constantin von Tischendorf, em 1868. Uma das primeiras cópias do Novo Testamento, chamada "Códice Sinaítico", que hoje se encontra no Museu Britânico e data do ano 350 d.C., inclui *A Epístola de Barnabé e O Pastor de Hermas*. Outra das mais antigas cópias do Novo Testamento é o *Códice de Alexandria*, que inclui escritos como a *Primeira e a Segunda Epístola de Clemente*, e que foi escrita no século V d.C. e está no Museu Britânico.⁵¹

b) Tradução latina:

Cabe pensar que as primeiras versões latinas da Bíblia tiveram sua origem em uma versão oral que acompanhava a leitura do texto grego nos ofícios do culto judaico e cristão. São vários, com efeito, os testemunhos que confirmam a existência de um costume parecido entre os cristãos do Oriente, sobretudo na Palestina, na época de Diocleciano, no século V.

Segundo Santo Agostinho, qualquer mediano conhecedor do grego e do latim, que nos primeiros tempos do cristianismo dispunha de um códice, empreendia em seguida a tarefa de traduzi-lo para o latim.⁵²

⁵¹ Casas, Juan. "Nuevo Testamento. Apuntes de clase. Introducción al Nuevo Testamento". Pontificia Universidad Javeriana, II semestre 2016.

⁵² Jesús Cantera Ortiz de Urbana. "Antiguas versiones Bíblicas y Traducción". Universidad Complutense de Madrid, Centro Virtual Cervantes, *Hieronymus*, Nº 2.

A primeira tradução, e a mais famosa Bíblia em latim, é a de São Jerônimo, conhecida como *Vulgata*. Isto aconteceu nos anos 400 d.C., a pedido do Papa Dâmaso.⁵³

RESUMO:

A formação do Novo Testamento tem várias etapas, como a experiência de Jesus ressuscitado, a pregação apostólica, a tradição oral, a tradição escrita, a seleção de escritos, a formação do cânone e as edições do livro que foram sendo atualizadas até nossos dias.

Todas estas fases tiveram sua origem em Jesus ressuscitado, que gravou um marco no coração da primeira comunidade cristã; esta transmitia a mensagem sem necessidade de escrever; mas, ao ir refletindo com o tempo sobre a experiência, e com a finalidade de dar conhecimento dela às novas gerações, foi necessário escrevê-la.

Existem muitos livros escritos, mas de todos foram selecionados 27 para formar seu cânone.

O resto dos livros não tem apostolicidade, antiguidade nem uso para poder fazer parte do cânone; no entanto, contêm verdades de fé e são denominados apócrifos.

Com o transcorrer do tempo, e a existência de diferentes línguas, foram aparecendo de maneira contínua diferentes versões do Novo Testamento, até nossos dias.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

Em casal, dialogar sobre as seguintes perguntas:

- 1) Por que a primeira comunidade cristã não escreveu desde o primeiro momento sobre Jesus Cristo?
- 2) Consideras suficiente o cânone de 27 livros do Novo Testamento para compreender a experiência de Jesus ressuscitado? Por quê?
- 3) Como você comunicaria sua própria experiência de Jesus?

⁵³ Saravia, Javier. **El Poblado de la Biblia**. México (D.F.), Paulinas, 2008. p.10.

- 4) Sabemos que os Evangelhos e os livros apócrifos por vezes coincidem em narrar um mesmo fato de forma distinta. Segundo sua opinião, qual seria o propósito de narrar de forma diferente um mesmo fato?
- 5) O que um texto escrito em um idioma poderia perder ao ser traduzido para outro idioma? E quais são as vantagens de um texto ser traduzido para outro idioma?

AVALIAÇÃO:

Se a afirmação for verdadeira marque V; se for falsa, marque F.

Os primeiros cristãos escreveram o Novo Testamento desde o primeiro momento.	V	F
Os primeiros escritos foram registrados em papiro.	V	F
A palavra apócrifo significa herético.	V	F
Todos os evangelhos apócrifos têm erros de doutrina.	V	F
A apostolicidade consiste em saber que o escrito foi feito de próprio punho por algum apóstolo.	V	F
Os códices do Novo Testamento foram escritos em aramaico.	V	F
São Jerônimo traduziu a Bíblia para o idioma siríaco no século IV.	V	F
A ortodoxia consiste na correspondência da tradução latina da Igreja de Roma com a tradução grega da Igreja bizantina.	V	F

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

De Santos Otero, Aurelio. **Los Evangelios Apócrifos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

Marguerat, Daniel. **Introducción al Nuevo Testamento, su historia, su escritura, su teología**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.

Piñero, Antonio; Peláez, Jesús. **El Nuevo Testamento, Introducción al estudio de los primeros escritos cristianos**. Madrid: El Almendro, 1995.

Wikenhauser, Alfred; Schmid, Josef. **Introducción al Nuevo Testamento**. Barcelona: Editorial Herder, 1978.

Tuggy Alfred E. **Léxico Griego – Español**. México D.F.: Editorial Mundo Hispano. 1º Edición: 1996.

Saravia Javier. **El Poblado de la Biblia**. México D.F: Paulinas, 2008.

Brown Raymond. **Introducción al Nuevo Testamento; Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas**. Madrid: Trotta, 2002.

Jerusalén, equipo de traductores de la edición española de la Biblia de. Biblia de Jerusalén: Aumentada y revisada. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1998.

Piñero Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta, 2008.

Robert André y Feuillet André. **Introducción a la Biblia**. Traducido por Alejandro Ros. Barcelona: Herder, 1965.

Theissen Gerd y Merz Annette. **El Jesús Histórico**. Salamanca: Sígueme, 1999.

Cibergrafía:

- a) <http://www.misionestransculturales.org/la-historia-de-la-traduccion-de-la-biblia>.
- b) www.nationalgeographic.com.es/historia/grandes-reportajes/pompeya_7468.
- c) http://www.cristianismo-primitivo.org/info_otros_estudios_canon.html.

MESA 3

QUAL É O MUNDO DO NOVO TESTAMENTO?

O contexto do texto

INTRODUÇÃO

Antes de afirmar a vida de Jesus e sua pregação nos lugares onde habitou, é necessário adentrar na realidade histórica própria do século I d.C., período em que foi iniciada a escritura dos livros do Novo Testamento (N.T.).

A partir desta perspectiva, o Novo Testamento nos proporciona testemunhos sobre a vida do Jesus histórico e de seu projeto de Reino de Deus, bem como sobre os modos de sobrevivência das primeiras comunidades cristãs na conjuntura social, política, econômica, religiosa e geográfica da época.

Ainda, graças ao estudo da própria realidade do século I d.C., é possível compreender as motivações da ação de Jesus, o convite para serem atores na construção do Reino de Deus e a urgência da lei do amor pelo próximo.

Portanto, a presente MESA tem como finalidade apresentar uma aproximação às realidades históricas e contextuais das comunidades nas quais foi formado e criado o Novo Testamento; isto para compreender que o Novo Testamento é uma obra humana e divina que dá conta das realidades da natureza do homem e sua intervenção no Reino de Deus.

ORAÇÃO

*Senhor Jesus, tu que vives no meio de nós, que sofres como nós
e passas as necessidades que nós passamos,
ensina-nos a ser como tu, a viver como tu, a sermos homens e mulheres
como tu; homens e mulheres que forjam sua própria história:
uma história de salvação,
uma história na qual entregam sua vida pelos demais,
uma história onde tu és nosso guia.*

*Senhor Jesus, tua história não é uma história passada,
uma realidade que ficou no passado;
tua história é uma história viva que segue transformando homens e
mulheres,
uma história que ainda não terminou de ser escrita, pois hoje somos
muitos os que unimos nossa história à tua, para que siga continuando
esta tua história de salvação, tua história de amor.
Dá-nos a graça de continuar escrevendo tua história, de continuar sendo
parte de tua misericórdia e de continuar transformando vidas. Amém.*

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

3.1- Qual é o marco geográfico do Novo Testamento?

Para começar, o marco geográfico do Novo Testamento estava formado pela herança de três culturas, a saber: oriental, grega e romana. A última foi uma das grandes civilizações da humanidade, pois, no princípio, só permaneceu na Itália, mas depois se expandiu para a Europa ocidental, norte da África e ocidente da Ásia.

Com esta contextualização, é possível reconhecer as condições históricas e geográficas nas quais nasce Jesus.

Jesus nasceu nos tempos do rei Herodes, o Grande. Sua atividade pública foi realizada na Judéia, Samaria e Galileia, região que “coincidia com a parte norte do território da tetarquia de Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande. Esta região era formada pelas cidades de Nazaré, Caná, Cafarnaum, Tiberíades, Genesaré, Corazín e Nain”.⁵⁴

Por outro lado, Judéia e Samaria se encontravam na costa do Mediterrâneo desde os limites com o Egito até o Monte Carmelo. Tinham clima quente e uma temperatura máxima no verão de 40 graus. “A cidade de Jerusalém foi a mais destacada da Judéia. Ali foi construído, por Herodes, o Grande, um aqueduto

⁵⁴ Ortíz, Pedro. **Comentário Bíblico Latinoamericano**. Geografía del Nuevo Testamento. Navarra: Verbo Divino, 2003, p. 138.

com 21 km de extensão. Também, um templo, imponente construção realizada na colina de Sião por Salomão e reconstruído por Herodes, o Grande”.⁵⁵ Outras cidades importantes na Judéia e Samaria, mencionadas nos Evangelhos, foram Belém, Jericó, Emaús, Efraím, Enón, Sicar e Arimateia.

Entre as zonas conquistadas pelo império romano se encontrava a Palestina, constituída como província romana. A Palestina tinha uma extensão de terra de cerca de 14.000 milhas quadradas. O limite ocidental era o Mar Mediterrâneo, Ao norte estavam as montanhas do Líbano e o Antilíbano.

Seu clima era seco e temperado. Tinha duas estações: a úmida, que começava em outubro, e a seca, em abril. Sua topografia era de costa (Mar Mediterrâneo), montanhas (Líbano e Antilíbano) e vales (Vale do Jordão). Depois da morte do Rei Herodes, a Palestina foi dividida nas províncias da Judéia, Samaria, Galileia, Pereia e Decápolis.



Mapa da Palestina nos tempos de Jesus⁵⁶

⁵⁵ Idem, p. 141.

⁵⁶ Orações e devoções católicas, *Mapa da Palestina*. Pesquisado em: 27 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.oracionesydevocionescatolicas.com/portada.htm>.

A família, o território, os costumes, as histórias de seus antepassados marcavam a identidade cultural da época; “a etnicidade constitui uma questão fundamental para o movimento formado em torno de Jesus e desenvolvido até converter-se na Igreja primitiva”.⁵⁷ Assim, os lugares onde foi escrita a maior parte dos escritos neotestamentários foram os centros urbanos greco-romanos, como Éfeso, Coríntio, Antioquia e Roma.

A Igreja “começou a difundir-se primeiro no lugar onde Jesus viveu e depois fora da Palestina, pelas regiões do Império Romano”.⁵⁸ As quatro viagens de Paulo, e suas cartas, deram aportes importantes para a evolução do cristianismo, pois serviram de base para a expansão do cristianismo. Paulo usou todos os meios existentes em sua época para difundir sua fé.

3.2- Qual é o marco histórico do Novo Testamento?

Até o ano 515 a.C., depois da morte de Zorobabel e o desaparecimento da monarquia de Davi, eram os sacerdotes que tinham o controle de Israel. Naquela época, Israel estava sob o domínio da Pérsia.

Ao redor de 300 a.C., a Pérsia foi derrotada pela expansão de Alexandre Magno, que morre em 323 a.C. Depois da morte do conquistador grego, seus sucessores governaram o Egito, a Oeste, e a Síria, ao Leste, e Israel seria considerada apenas como uma faixa de passagem. No ano 165 a.C., começaria a época dos macabeus, os quais se rebelaram contra a tirania religiosa e política dos sucessores de Alexandre.

Posteriormente, aconteceria a invasão romana por parte de Pompeu Magno até 60 a.C.⁵⁹ Após a morte de Herodes, o Grande (6-4 a.C.), Augusto Arquelau foi nomeado como máximo imperador na Judéia, Samaria e Idumeia, enquanto

⁵⁷ Dietmar, Neufeld & DeMaris Richard. **Para entender el mundo social del Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2014, p. 25.

⁵⁸ Ortíz, Pedro. **Comentario Bíblico Latinoamericano**. Geografía del Nuevo Testamento. Navarra: Verbo Divino, 2003, p. 143.

⁵⁹ Piñero, Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Editorial Trotta, 2006. P. 85-86.

que a Galileia ficou nas mãos de Antipas, filho de Herodes. Então, o imperador Cláudio colocou Agripa I como rei judeu, que era neto de Herodes, o Grande.

Neste contexto, Jerusalém já não era a capital administrativa de Israel, pois haviam sido gerados sentimentos negativos entre o Estado Romano e o povo. Por esta razão, antes da Guerra de 66-70, foi levantado um movimento religioso-político chamado zelotismo,⁶⁰ que buscava a libertação política de Israel e a independência de Roma.⁶¹

Com Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) a situação foi piorando, pois surgiram mais movimentos anti-romanos. Uma das situações que causou a grande revolta foi a imagem do imperador Tibério levada por Pilatos à cidade santa de Jerusalém. Em Roma, morre Tibério no ano 37 d.C. e o sucede Caio Calígula até 41 d.C., o que ocasionaria uma revolta antijudeu ao colocar uma imagem sua no templo de Jerusalém. Isso levaria a um enfrentamento entre Judéia e Roma.

Depois de Calígula chegaria ao reinado Cláudio (41-54 d.C.), que trouxe consigo a paz àquele território e ainda devolveu algumas propriedades e privilégios aos judeus. No entanto, a situação dos judeus que viviam em Roma se tornou difícil, até que o imperador os expulsou da cidade por desordem pública.

O imperador Cláudio foi sucedido por Nero (54-68), o qual permitiria que os judeus regressassem a Roma.⁶² Mas, em 64 d.C., aconteceria um grande incêndio em Roma e pouco depois Nero desataria uma perseguição contra os cristãos, onde morreriam Pedro e Paulo.⁶³

⁶⁰ Idem, p. 87-88.

⁶¹ Idem, p. 104.

⁶² Idem, p. 89-90.

⁶³ Brown, Raymond. **Introducción al Nuevo Testamento**. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p.114.

A partir destes acontecimentos, os judeus foram tomados de forte sentimento nacionalista, e com um profetismo-messiânico teria início a Grande Revolta contra Roma entre os anos 66-70 d.C.⁶⁴ Isto levou, conseqüentemente, a uma derrota total do povo judeu, à queda de Jerusalém e à destruição do Templo por ordem de Vespasiano e Tito.

Uma vez acontecido isto, todos os recursos que eram destinados ao Templo passaram à contribuição do Estado até os tempos de Trajano.⁶⁵ Depois, aconteceriam novas revoltas dos judeus ante as políticas impostas pelo imperador Adriano, que teriam início no ano 132 d.C. e terminariam em 135 d.C. nas mãos de Julio Severo. Finalmente, Adriano reconstrói Jerusalém, mas lhe dá um novo nome: Élia Capitolina.

Do mesmo modo, a Judéia se converte em província romana, com o nome de Síria Palestina. Assim se encerra uma época de fortes conflitos entre Roma e o povo judeu, marcada pela morte e pela diáspora judaica.⁶⁶

3.3- Qual é o marco político, social, econômico e religioso do Novo Testamento?

a) Marco social

A partir deste ambiente, a influência da cultura judaica do século I d.C. para a elaboração dos textos do Novo Testamento foi determinante e decisiva. Para começar, Jesus era judeu e muitos de seus primeiros seguidores também o eram.⁶⁷ Ou seja, alguns livros do Novo Testamento, para não afirmar todos, são escritos por judeus.

Em que pese muitos dos seguidores de Jesus serem camponeses, é necessário esclarecer que algumas “das comunidades cristãs mencionadas no

⁶⁴ Piñero, Antonio, op. cit., p. 91.

⁶⁵ Brown, Raymond, op. cit., p. 115.

⁶⁶ Idem, p.117.

⁶⁷ Brown, Raymond. *Introducción al Nuevo Testamento: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas*. Madrid: Trotta Editorial, 2002, p. 117. Este livro está publicado em português pelas Paulinas: **Introdução ao Novo Testamento**.

Novo Testamento viviam nas cidades”,⁶⁸ uma vez que ali também podiam divulgar a Boa Nova a todo tipo de pessoas que chegavam às cidades.

Assim, pois, a mensagem de Jesus era transmitida a todo e a cada um que quisesse ouvi-la. Uma das razões pelas quais a cidade podia chegar a ser um lugar de encontro está relacionado com o sistema de redes viárias.

Uma das percepções que o império tinha perante as comunidades de cristãos era de perigo,⁶⁹ visto que entre eles havia forte rumor de oposição ao império e às normas que o império ditava, pois poderiam vir a romper a ordem social e promover revoltas perante os manejos políticos do imperador e seus súditos.

Estes cristãos primitivos eram considerados inimigos do Império Romano, uma vez que o anúncio do Reino de Deus não beneficiava os endinheirados, mas sim os mais pobres.

b) Marco econômico

O sistema econômico da Palestina no século I d.C. era determinado, especialmente, pelos lugares geográficos do império e pelo tipo de produção que acontecia em tais terras. Deste modo, na Galiléia, a economia se baseava na agricultura, no gado, indústria e pesca; esta última atividade seria realizada nas margens do lago de Genesaré.

Na Judéia, apesar da pobreza de seus recursos, as atividades que mais se destacavam era o gado e o cultivo de vinhedos. “No entanto, na região de Jerusalém, as receitas econômicas aconteciam de modo diferente, pelas peregrinações ao templo e pelos impostos religiosos (...) controlados pelas famílias sacerdotais”.⁷⁰

⁶⁸ Idem, p. 118.

⁶⁹ Idem, p. 120.

⁷⁰ Idem, p. 121.

Por outro lado, sob o domínio do Império Romano do século I, a economia familiar continuava sendo o modelo econômico do momento; era fundamentada na “agricultura, pequena empresa e comércio”.⁷¹

Do mesmo modo, durante o século I d.C., as diferenças entre os proprietários de terras e os mais pobres continuam criando rupturas e modos de vida distintos, de acordo com as receitas que cada um possuía.

c) Marco religioso

O Império Romano no século I d.C. admitia ou contava com diversas religiões. A primeira delas era a religião oficial do império, que cultuava “os deuses da mitologia romana, o imperador e Roma”⁷² de forma pública. Também havia a religião privada que se havia formado a partir do “sincretismo de crenças locais”.⁷³

Por outro lado, às terras do Império Romano haviam chegado cultos estrangeiros, como os do Oriente, especialmente os da Ásia Menor, Pérsia e Egito.⁷⁴ Além disso, cultos místicos (ou religião de mistérios) estavam conseguindo fiéis. Estes cultos, não pertencentes à cultura do império, chegaram com força à população, uma vez que, diferentemente dos cultos próprios, estes últimos respondiam a perguntas relacionadas com a transcendência e a vida, e não apenas às normas e à justiça do império.⁷⁵

Assim, outra religião com grande força e importância era o judaísmo. Esta religião tinha duas vertentes importantes, as quais dominavam alguns territórios do império: os judeus de Jerusalém e os judeus da diáspora.⁷⁶

O primeiro grupo de judeus “se centraliza em torno de Jerusalém, sobretudo no seu Templo”.⁷⁷ Os da diáspora, grupo majoritário de judeus, estavam divididos

⁷¹ Instituto Pastoral Apóstol Santiago. **El contexto histórico del Nuevo Testamento**, p. 4. (disponível apenas em espanhol).

⁷² Charpentier, Etienne. **Para leer el Nuevo Testamento**. Estella: Verbo Divino, 1997, p. 15.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

em vários territórios do império como: Alexandria, Ásia Menor, Grécia e Roma.⁷⁸ No entanto, todos os judeus, independentemente de sua condição, compartilhavam alguns benefícios que o império lhes oferecia: “isenção do serviço militar, respeito ao sábado e possibilidade de pagar um imposto anual ao templo”.⁷⁹

3.4- O que se sabe sobre a existência histórica de Jesus de Nazaré?

Um dos acontecimentos que mais tem sido perguntado à humanidade é a existência histórica de Jesus de Nazaré: **Jesus de Nazaré realmente existiu?**

A vida de Jesus, para muitos, é um enigma. Muitos o consideram apenas como uma figura representativa de um movimento religioso.

Mas, para muitos foi e continua sendo o Filho de Deus. Jesus de Nazaré foi tão importante para a humanidade que, com seu nascimento, dividiu a história ocidental em dois momentos. Mesmo com toda sua importância, sua presença histórica continua sendo uma incógnita.

Para esclarecer esta pergunta, muitos assumiram a tarefa de pesquisar a vida de Jesus. Como é de se esperar, as pesquisas têm início no contexto histórico de Jesus e estas se iniciam com as fontes principais que relatam sua vida, como são os evangelhos, e continuam com historiadores da época que também mencionam ou falam de Jesus em seus escritos, como o historiador judeu Flavio Josefo.

A partir da perspectiva de Sanders, é possível estudar uma lista de afirmações da vida e atividades públicas de Jesus que ele considera como válidas, como dados quase seguros e confiáveis em sua historicidade:

- Jesus nasceu no ano 4 a.C., pouco antes da morte de Herodes o Grande (esta data não pode ser considerada como histórica);

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem, p. 16.

- Passou sua infância e os primeiros anos de sua vida adulta em Nazaré, uma aldeia galileia;
- Foi batizado por João Batista;
- Chamou os que viriam a ser seus discípulos;
- Ensinou nos povoados, aldeias e campos da Galileia (como parece, não nas cidades);
- Pregou o “Reino de Deus”;
- Até o ano trinta foi a Jerusalém em razão da Páscoa. No entanto, é possível que tenha ido antes;
- Provocou um alvoroço na zona do Templo;
- Celebrou uma última ceia com seus discípulos;
- Foi detido e interrogado pelas autoridades judaicas, concretamente pelo sumo sacerdote;
- Foi executado por ordem do prefeito romano, Pôncio Pilatos.⁸⁰

No entanto, a data de nascimento de Jesus não é segura, uma vez que sua datação está em dúvida, pois Sanders afirma que “Mateus data o nascimento de Jesus aproximadamente até o tempo em que Herodes, o Grande, morreu. Esta morte não aconteceu neste ano 4 a.C., de maneira que Jesus nasceu nesse ano ou pouco antes”.⁸¹

Devido a este fato histórico, suspeita-se a verdadeira data de nascimento de Jesus; mas, porque há tanta confusão a respeito?

Um dos personagens que pode influir em tal opinião é o monge Dionísio, o Exíguo, que não contava com informação suficiente, além de tomar como base o evangelho de Lucas.

Seguindo com a linha cronológica da vida de Jesus, chegamos ao que se conhece como a vida oculta de Jesus. Seguramente, esta vida foi vivida com

⁸⁰ Idem, p. 27-28.

⁸¹ Idem.

seus pais em Nazaré. Durante esta época, o governante daquela região era Antipas, que governou depois da morte de Herodes, o Grande.

Por outro lado, Jesus “não foi um homem de cidade”⁸² e isso é deduzido porque as cidades próximas a Nazaré não aparecem nas narrativas de sua vida e as referências feitas por Jesus são continuamente referidas ao contexto do campo.

Outro fato histórico que seguramente ocorreu, é a pessoa e a pregação de João Batista. Os quatro evangelhos falam dele e sua relação com Jesus. A existência e o encontro com Batista foi “um acontecimento que transformou a vida de Jesus”,⁸³ pois a partir desse encontro iniciou sua vida pública.

Não se sabe quanto durou a vida itinerante de Jesus, e é possível que tenha durado um ano ou talvez dois. O que se sabe é que Jesus e seus discípulos subiram até Jerusalém para celebrar a Páscoa.

Neste caminho ocorreram alguns acontecimentos que poderiam ser considerados históricos. Entre estes estão: primeiro, a decisão dos sumos sacerdotes para acabar com a vida de Jesus por considerá-lo perigoso; segundo, a ceia pascal com seus discípulos e a apreensão de Jesus depois da ceia onde, em seguida, foi julgado e sentenciado à morte. Finalmente, contam seus seguidores que, ao buscar seu corpo, encontraram a tumba vazia.

RESUMO:

Durante a busca sobre o contexto do texto do Novo Testamento, foram apresentados quatro pontos que permitem um maior estudo de tais livros e uma aproximação ao momento histórico a partir do qual foram criados.

⁸² Sanders, E.P. **La figura histórica de Jesús**. Navarra: Verbo Divino, 2000, p. 29.

⁸³ Idem.

No primeiro deles, de acordo com um contexto geográfico, é descrita a situação política que Israel vivia nos anos próximos ao nascimento de Jesus de Nazaré. Adicionalmente, são descritos os limites de alguns territórios e suas características climáticas.

Graças a este ponto, consegue-se descobrir atividades próprias de alguns territórios e modos de comportamento de acordo com cada comunidade e seu estilo de vida.

O segundo ponto apresenta, de modo muito sintetizado, os sucessos históricos do Império Romano sobre os territórios de Israel e todas as construções que lhe são próprias. Também é descrita a situação das primeiras comunidades cristãs e suas experiências tanto com o poder romano quanto com os demais cultos que ainda existiam em Roma.

O terceiro ponto faz uma apresentação dos aspectos sociais, econômicos e religiosos das comunidades do século I d.C. Nesta parte, é apresentada a situação social dos primeiros cristãos e sua permanência no Império Romano. Uma das características que se apresenta de maneira radical é a relação entre Roma e os primeiros cristãos, pois esta não era fácil. Ao contrário, são percebidas relações cheias de desigualdade e desrespeito, e também é descrita a parte econômica a partir das atividades no campo e algumas próximas ao mar.

Finalmente, quanto à figura de Jesus histórico, são descritas algumas situações próprias de Jesus e se discute sobre a existência de algumas delas. Adicionalmente, também é esclarecido, durante todo o desenvolvimento da MESA, que Jesus está conosco, pois sua história é construída na companhia de cada um de seus seguidores.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

- 1) Como a situação do oprimido mudou com respeito ao grupo do poder econômico da época de Jesus?
- 2) Descreva um acontecimento de injustiça social que você tenha vivido. Como foi sua atuação perante este acontecimento? E quais sentimentos você experimentou?
- 3) Da vida de Jesus, quais são os aspectos que mais chamam a sua atenção? Por quê?

AVALIAÇÃO:

Escolha a opção correta para o seguinte enunciado: para conhecer o contexto histórico do Novo Testamento é necessário:

- a) Remeter-se unicamente aos livros do Novo Testamento. Não há que se buscar mais informação.
- b) Estudar apenas a figura de Jesus histórico, pois apenas com sua imagem são entendidos os conteúdos dos livros do Novo Testamento.
- c) Estudar o contexto geográfico, político, histórico, cultural e social do século I d.C.
- d) Conhecer toda a história da humanidade.

Responder falso (F) ou verdadeiro (V):

- O livro mais antigo do Novo Testamento foi o Evangelho de Mateus ()
- A agricultura era a atividade econômica mais próspera de todo o Império Romano ()
- Não existia um único grupo de judeus no império romano ()
- O historiador Flavio Josefo faz referência a Jesus em seus escritos ()

Una os termos relacionados:

a. Carta de Paulo	1. Atos dos Apóstolos
b. Grupos de judeus	2. Religião oficial
c. 30 d.C.	3. Parte da economia
d. Culto ao imperador	4. Nascimento de Jesus

e. Agricultura, gado e pesca	5. Jerusalém e diáspora
f. Lucas	6. Celebração da Páscoa em Jerusalém
g. 4 a.C.	7. Primeira Carta aos Tessalonicenses

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

Obras consultadas:

Aguirre, Rafael (Ed.). *El Nuevo Testamento en su Contexto. Propuestas de lectura*. Navarra, Verbo Divino, 2013.

Brown, Raymond. *Introducción al Nuevo Testamento*. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

Charpentier, Etienne. *Para leer el Nuevo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 1997.

Dietmar, Neufeld y DeMaris Richard. *Para entender el mundo social del Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 2014.

Ortíz, Pedro. *Comentario Bíblico Latinoamericano. Geografía del Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 2003.

Piñero, Antonio. *Guía para entender el Nuevo Testamento*. Madrid: Editorial Trotta, 2006.

Sanders, E.P. *La figura histórica de Jesús*. Navarra: Verbo Divino, 2000.

Obras sugeridas para aprofundar (em espanhol):

Fr Bernardo Lucio. *Atlas Histórico del Nuevo Testamento*. Cuernava: Imprimatur, 1953.

Leipoldt, J & Grundmann, W. *El mundo del Nuevo Testamento II*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

Ortiz, Pedro. *Introducción a los Evangelios*. Santafé de Bogotá: Centro Editorial Javeriana CEJA, 1995.

Román Hernández, Carlos Eduardo (comp.). *Jesús histórico. Aproximaciones temáticas*. Bogotá: Editorial Javeriana, 2015.

MESA 4

O QUE É O EVANGELHO E COMO ELE RECRIA COMUNIDADES?

A experiência de Paulo

INTRODUÇÃO

Queridos amigos.

Ao finalizar esta MESA vocês terão adquirido os conhecimentos necessários em torno da compreensão do Evangelho como o coração do Novo Testamento, a estrutura e classificação do *Corpus Paulino*, os aspectos diferenciadores das tradições paulinas e as linhas diretrizes do pensamento paulino.

Tudo isso com o objetivo de descobrirmos juntos a vida que se recria em torno da palavra *Evangelho*, vida que foi experimentada e comunicada pelas primeiras comunidades cristãs à luz do Ressuscitado, e que hoje continua sendo força e principal motivação também para nós, como discípulos-missionários, levarmos a riqueza da Palavra a todos.

Por isso, assim que finalizado o estudo desta MESA, todos estão convidados a sair e a anunciar aquilo que conheceram, viram e ouviram. Mais uma vez, bem-vindos e lhes desejamos uma linda experiência.

ORAÇÃO

Ó bem aventurado São Paulo, peregrino incansável do Senhor, mensageiro indescritível da graça, apóstolo dos povos e nações, não deixe de escutar nossas súplicas; faz com que cheguemos a conhecer Cristo como Tu o conheceste, e que possamos testemunhar seu amor seguindo pelos caminhos seguros da Cruz.

Pede a Jesus ressuscitado que saibamos criar comunidade, viver em paz, com fé e alegria, sendo amáveis e fraternos. Que tenhamos corações abertos para acolher a todos sem distinção, que aprendamos a ser livres, serenos, profundos e sinceros, cheios de bons sentimentos, e

que sempre nos deixemos guiar pelo Santo Espírito de Deus para anunciar o amor de Cristo lá onde ainda não é conhecido.

Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

4.1- O Evangelho: “O coração do Novo Testamento”

Sabemos da importância dos quatro evangelhos no Novo Testamento, mas precisamos pesquisar e estudar o que é o Evangelho. Por isso, vamos recorrer a algumas afirmações de Jesús Peláez:

A palavra *Evangelho*, que significa *boa notícia*, é tradução do vocábulo grego *euangelion*, formado pelo prefixo *eu* (bom, favorável, feliz, alegre) e a raiz *angell* (trazer uma mensagem, notificar algo por parte de alguém). Esta palavra é de origem persa e aparece desde Homero (*Odisséia*, XIV, 152. 166; século VIII a.C.) com o significado de *propina ou recompensa* dada ao mensageiro que traz a boa notícia de uma vitória militar ou simplesmente uma boa notícia de caráter político ou pessoal, que produz felicidade e alegria nos destinatários.⁸⁴

No Antigo Testamento, a palavra *Evangelho* era usada para falar das notícias da graça de Deus que vem para salvar (ver Is 52, 7-10); também em 2Sm 18, 20-27 e 2Rs 7,9 aparece o substantivo abstrato *evangelia* com o significado de *boa notícia*; em 2Sm 18,22 aparece, no entanto, como o sentido clássico de *propina* recebida por uma boa notícia”.⁸⁵

Para conhecer o significado da palavra *Evangelho* no Novo Testamento, recorreremos como primeira fonte às cartas de São Paulo. A partir delas, Paulo nos apresenta três dimensões necessárias que, segundo Dunn, podem ser classificadas da seguinte maneira:

- a) O diálogo *judeu/cristão* ocorrido entre cristãos e **os judeus que** não aceitavam que Jesus fosse o Messias.
- b) *A dimensão social* mantida entre o judeu e o gentio que podiam ir juntos à mesma comunidade, comer juntos, aceitar-se plenamente um ao outro.

⁸⁴ Peláez, Jesús. “Evangelio y evangelios”. *Koinonia*. <http://servicioskoinonia.org/relat/303.htm> (consultado em 16 de agosto de 2016), p. 1.

⁸⁵ Idem, p. 2.

- c) *A dimensão ecumênica* mostra que a fé em Cristo é a única coisa que interessa antes de fixar-se em requisitos legais ou obrigações culturais. Reivindicar sempre a lei acima do amor é minar o Evangelho, destruir o que Paulo chama *a verdade do Evangelho* (Gl 2,16).⁸⁶

No Novo Testamento, a palavra *Evangelho* também se refere à pregação de Jesus acerca do reino de Deus (ver Mateus 4,23; Mc 1,14-15), igual às palavras dos Apóstolos que pregaram sobre Jesus Cristo morto e ressuscitado, que hoje conhecemos como *kerigma* (ver Marcos 16,15; Rm 1,1-4).

O Evangelho também pode ser definido como a ação do Ressuscitado que transforma os seguidores a partir de dentro para formar comunidade.

Falaremos agora sobre os quatro evangelhos canônicos no Novo Testamento:

Os evangelhos não se explicam pela simples união de todas essas unidades literárias, mas sim pela mão de um redator com personalidade própria, como o fizeram os evangelistas que, como verdadeiros autores, sem romper com o Jesus da história nem com a comunidade a partir da e para a qual escreviam, reescreveram e recriaram as tradições ou textos recebidos à luz da experiência de fé daquelas comunidades, tentando ser fiéis, por um lado, à mensagem original de Jesus e, por outro lado, adaptá-la às novas circunstâncias da evangelização. Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João formaram, desde o princípio, parte do cânone ou lista de livros considerados como inspirados pelas comunidades cristãs primitivas.⁸⁷

4.2- Estrutura e classificação do *corpus paulino*

Já vimos como entre os escritos do Novo Testamento, as cartas de São Paulo constituem historicamente a primeira fonte para conhecer Jesus e definir o que é *Evangelho*.

Por isso, entramos agora no estudo da estrutura e classificação do *Corpus Paulino*, mencionando dois tipos de classificação:

⁸⁶ Dunn, James D.G. **Del Evangelio a los Evangelios**. Bogotá: San Pablo y PUJ, 2014, p. 176-177.

⁸⁷ Peláez, Jesús, op. cit., p. 1.

a) Classificação a partir da tradição cristã

A mais remota antiguidade colocou 13 cartas sob o nome e autoridade de Paulo. Depois de um tempo foi adicionado o livro dos Hebreus.

A mesma tradição cristã distinguiu diversos blocos de cartas dentro deste conjunto de escritos: as duas cartas aos Tessalonicenses, que constituem o começo da pregação de Paulo. As chamadas *grandes cartas*: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas. São chamadas assim tanto pela extensão como pela importância do conteúdo. As cartas do cativo: Efésios, Colossenses, Filipenses, Filemom. Em todas elas, Paulo alude à sua condição de prisioneiro (Ef 4,1; Col 4,10; Fl 1,12-13; Fl 1,1).⁸⁸ As cartas pastorais: 1 e 2 Timóteo e Tito, são assim denominadas porque nelas são dadas normas de índole pastoral para o bom funcionamento da Igreja.⁸⁹

Quanto à ordem em que as atuais edições da Bíblia normalmente nos oferecem, é claro que não corresponde à cronologia de sua composição. São apresentadas na ordem de extensão descendente as dirigidas a comunidades e depois as dirigidas a indivíduos concretos.⁹⁰

b) Classificação de acordo com a autenticidade das cartas⁹¹

Quando falamos de autenticidade, não estamos pensando na verdade do conteúdo, mas simplesmente se o autor indicado pela tradição é realmente o autor do escrito. Nos perguntamos quais cartas foram escritas pelo mesmo Paulo e quais por seus discípulos.

É importante levar em conta que na antiguidade não existia a noção de “propriedade literária” (ou seja, direitos de autor). Era comum copiar pedaços

⁸⁸ Cfr. Reynier, Chantal. **Para leer a san Pablo. La obra epistolar**. España: Verbo Divino, 2009, p. 192-202.

⁸⁹ Cfr. Gil, Arbiol. **Qué se sabe de san Pablo en el naciente cristianismo. Cuestiones abiertas en el debate actual**. Navarra: Verbo Divino, 2015, p.176-184.

⁹⁰ Cfr. Armstrong, Sergio. **Introducción a san Pablo: Cartas de pablo**. Bogotá: Verbo Divino, 2010, p. 200-220.

⁹¹ Cfr. Rivero, Antonio. **“Las cartas de san Pablo. Conoce tu fe”**. <http://es.catholic.net/op/articulos/7799/30a-sesin-las-cartas-de-san-pablo.html> (consultado em 12 de agosto de 2016).

completos de um escrito sem indicar que se tratava de uma citação (ou seja, sem usar aspas) nem de onde procedia.

Também era comum colocar um texto sob o nome de um autor famoso; no Antigo Testamento, todos os salmos são atribuídos a Davi, os textos legais a Moisés e os de sabedoria a Salomão.

A seguinte classificação está sendo imposta entre os especialistas, atendendo à cronologia e autenticidade. A respeito da autenticidade das cartas, pode-se resumir a opinião geral dos especialistas distinguindo três tipos de cartas: As *Cartas protopaulinas*: 1Tes, 1-2 Cor, Gl, Rm, Fl, FIm, são as escritas antes do ano 60 e têm como autor o próprio Paulo, razão pela qual são consideradas também como autênticas.

Por outro lado, temos a Carta aos Hebreus como não autêntica. As *Cartas deuteropaulinas*: Col, Ef, Tes, e as *cartas tritopaulinas*: 1 e 2 Tim, Tito, são as escritas por discípulos de Paulo depois de sua morte (em algumas há discussão a respeito de sua autenticidade).

4.3- Aspectos diferenciadores nas tradições paulinas

Para identificar os aspectos diferenciadores nas tradições paulinas, nos remetemos ao estudo de Jordi Sánchez Bosch, que distingue três critérios de classificação das cartas: pela diversidade de circunstâncias, linguagem (vocabulário), motivação ou intenção do autor.

a) Pela diversidade das circunstâncias

Segundo Bosch, *nas cartas autênticas*:

A primeira carta aos Tessalonicenses pertence à primeira grande missão do apóstolo que conhecemos como segundo viajante apostólico. A primeira carta aos Coríntios foi escrita a partir de Éfeso e a única visita que menciona é a da evangelização. A segunda carta aos Coríntios pressupõe, como veremos, uma segunda visita à comunidade constituída e outra série de acontecimentos.⁹²

⁹² Idem, p. 65.

A carta aos Gálatas descreve a referência a uma coleta que é pedida às Igrejas da Galácia (1Cor 16,1). A carta aos Romanos fala sobre a viagem do apóstolo para evangelizar, precisamente na crise em Corinto. As cartas aos Filipenses e Filemom falam das saudações aos da casa do César.⁹³

Nas cartas deuteropaulinas, “a segunda carta aos Tessalonicenses trata de uma composição plenamente limitada pelas circunstâncias que motivaram a primeira, mas não há alusões a deslocamentos ou acontecimentos novos. As cartas aos Efésios e aos Colossenses desenvolvem e ampliam uma série de temas esboçados”.⁹⁴

Nas cartas pastorais, “entre os defensores de sua autenticidade é frequente situá-las em um período de atividade e de cativeiro do apóstolo, posterior ao cativeiro a que se alude em At 28,30. Para os que duvidam de sua autenticidade, estas foram escritas depois de sua morte”.⁹⁵

b) Pela linguagem (vocabulário)

Nas cartas autênticas, coloca-se o fundo e a forma, na altura dos Setenta, quer dizer, dos tradutores gregos do Antigo Testamento.

As cartas deuteropaulinas mostram a falta de uma boa composição e sinais de pontuação, como a presença de frases que não conseguem terminar. Além disso, não deixa de participar das qualidades de Paulo: um estilo denso, direto, emotivo, original na ideia e na expressão, com uma série de acertos máximos no nível da palavra e da frase.⁹⁶

As cartas pastorais parecem assinalar alguns defeitos de Paulo, mas de forma moderada. Apresentam-se no estilo de redação a frase curta e a justaposição.⁹⁷

⁹³ Idem, p. 65-66.

⁹⁴ Idem, p. 66-67.

⁹⁵ Idem, p. 67.

⁹⁶ Idem, p. 391.

⁹⁷ Idem, p. 437.

c) Pela motivação ou intenção do autor

Nas cartas autênticas que Paulo escreveu, a motivação foi dar uma catequese primitiva às comunidades que visitou em suas viagens.

Nas cartas deuteropaulinas, algumas escritas no cativeiro, ele se alegra pelos sofrimentos que deve padecer por Cristo, comunicando sua experiência com um forte tom afetivo.

Nas cartas pastorais, escritas a Timóteo e Tito, condensa uma série de conselhos e instruções sobre a organização da igreja, recomendando algumas virtudes morais, como a caridade, a paciência e a vida interior como fundamento da vida ativa apostólica.

4.4- Linhas diretrizes do pensamento paulino

a) O encontro com o Ressuscitado, fonte de toda sua doutrina

Fazer referência às linhas diretrizes do pensamento paulino é, sem dúvida, acudir à fonte inspiradora de todo ser e tarefa apostólica e missionária. Esta fonte é, sem dúvida, o encontro com o Ressuscitado no Caminho a Damasco.

Na visão de Lucas, este fato é de uma importância capital e é narrado nos Atos dos Apóstolos em três ocasiões diferentes (At 9,1-25; 22, 1-21; 26,1-23). Das Cartas, o único texto fundamental no qual descreve o encontro de Damasco é a Carta aos Gálatas (Gl 1,15-16).⁹⁸

b) Cristo morto e ressuscitado, centro de sua pregação

Jesus Cristo constitui o centro da pregação do Apóstolo, centrada nos eventos decisivos da salvação, sobretudo na cruz e na ressurreição.

Para São Paulo, dizer cruz significa dizer salvação como graça dada a toda criatura. A cruz é escândalo e necessidade: “Assim, enquanto os judeus pedem

⁹⁸ Cfr. Bortolini, José. “Fuentes para conocer a Pablo”. Vida Pastoral 133, 2009, p. 32.

sinais e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1Cor 1,23).⁹⁹

c) A justificação pela fé em Cristo: motivo, dinamismo, fonte

A justificação em Cristo é uma ação gratuita de Deus, sem merecimento humano; assim, o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da Lei; isso quer dizer que nos fazemos justos entrando em comunhão com Cristo, que é amor. (Rm 3,28).

Lutero traduziu: “Justificado apenas pela fé”; perante isso, o teólogo Bento XVI afirmou: “a expressão de Lutero é verdadeira se não se opõe a fé à caridade, ao amor, pois crer é conformar-se a Cristo e entrar em seu amor. Esta afirmação se apóia na Carta aos Gálatas, na qual se fala da fé por meio da caridade”.¹⁰⁰

d) Igreja como corpo de Cristo

Igreja vem do grego *ekklesía*, que significa povo convocado ou povo reunido. No Novo Testamento, de maneira especial no livro dos Atos dos Apóstolos e nas Cartas de São Paulo, a expressão é usada para designar o novo povo de Deus. Às vezes se refere ao conjunto da comunidade cristã e, em outras, a uma Igreja particular. Alguns exemplos, em Cl 4,16: a Igreja da Laudicéia. Em 1Cor 1,2; 2Cor 1,1: a Igreja de Deus que está em Corinto. Em Gl 1,2: as igrejas da Galácia.

Mais tarde, na carta aos Efésios 5,21-24, é apresentado o conceito de Igreja em continuidade com o conceito de povo de Deus, Israel; considerado pelos profetas como “esposa de Deus” (Os 2,21), chamada para viver uma relação esponsal com ele.

⁹⁹ Cfr. Benedicto XVI. “La teología de la cruz en la predicación de San Pablo”. Ecclesia 3442 (2008): 1790.

¹⁰⁰ Cfr. Benedicto XVI. “La doctrina paulina de la justificación”. Ecclesia 3442, (2008): 1781.

A obra evangelizadora de Paulo não tem outro fim que não implantar a comunidade dos crentes em Cristo; deste modo, pode-se compreender o sentido de Igreja como seu Corpo: 1Cor 12,12-27; Rm 12,5.¹⁰¹

e) A universalidade de sua pregação

Esta universalidade não pode ser entendida apenas a partir das inúmeras viagens realizadas por São Paulo, mas sim a partir de suas cartas que refletem a abertura de seu pensamento.

“Foi um judeu que esteve em contato direto com o mundo helenístico, o que lhe permitiu o conhecimento do grego e de muitas outras culturas distintas de sua própria. Depois que foi surpreendido por Jesus Cristo, a caminho de Damasco (ver At 9,1-18), sente sua missão: levar a boa notícia aos gentios, aos que estão fora do contexto judeu”.¹⁰²

Esta universalidade se reflete também na ruptura de seus esquemas como fiel judeu praticante, já que depois de seu encontro com Cristo, a interpretação da lei passa da compreensão habitual do farisaísmo à compreensão do amor misericordioso de Deus (Ver Ef 2,4-5).

f) A parusia na pregação de São Paulo

Aproximadamente nos anos 51-52 d.C, São Paulo escreveu a primeira carta aos Tessalonicenses, onde fala desta volta de Jesus nova e definitiva, chamada parusia. Descreve-a com acentos muitos vivos e com imagens muito simbólicas, mas que transmitem uma mensagem simples e profunda: “E assim estaremos sempre com Ele” (1Tes 4,17).

Na carta aos Filipenses, em outro contexto, quando São Paulo está no cárcere esperando a sentença que pode ser de condenação à morte, escreve: “Para mim a vida é Cristo e a morte um ganho” (Fl 1,21).¹⁰³

¹⁰¹ Cfr. Benedicto XVI. “La dimensión eclesiológica del Pensamiento de San Pablo”. Ecclesia 3442, (2008): 1786.

¹⁰² Hueso, Henry. “La universalidad paulina en el diálogo ecuménico”. El Cooperador Paulino 36 (2008): 10-11.

¹⁰³ Cfr. Benedicto XVI. “La Parusia en la predicación de San Pablo”. Ecclesia 3442, (2008): 1794.

RESUMO:

No Novo Testamento, a palavra evangelho se refere à pregação de Jesus sobre o reino de Deus.

Paulo, com base em seu encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco, experimentou em sua própria vida este anseio de evangelizar sem fronteiras, comunicando o amor gratuito e a salvação de Deus para todos.

Assim, decidiu escrever cartas às comunidades fundadas por ele durante suas inúmeras viagens. Estas cartas hoje são conhecidas no Novo Testamento como o *Corpus Paulino*; algumas delas são autênticas de Paulo, outras, ao contrário, escritas por seus discípulos, conhecidas como deuteropaulinas, e outras são pastorais.

O estudo destas cartas é a melhor fonte para conhecer o Novo Testamento, incluindo o pensamento de São Paulo e o amor por Jesus Cristo, que o levou a expressar um dia: “Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

- 1) Como você vê ou percebe a prática do Evangelho pelas pessoas de hoje em dia?
- 2) Como você acredita que Paulo se descreveria a si mesmo a partir de suas cartas e como você poderia interpretar esta descrição hoje?
- 3) O que você pensa da posição de Lutero a respeito de que só basta a fé para sermos salvos? Como você responderia a um irmão cristão protestante se ele lhe dissesse isto?
- 4) Se São Paulo quisesse escrever uma carta à tua família, comunidade, bairro, qual seria a mensagem? Tente criá-la.

AValiação

- 1) Como você define a palavra “evangelho”?
- 2) Mencione três características do pensamento paulino.

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

Obras consultadas:

- Armstrong, Sergio. **Introducción a san Pablo, Cartas de pablo**. Bogotá: Verbo Divino, 2010.
- Benedicto XVI. “La dimensión eclesiológica del Pensamiento de san Pablo”. *Ecclesia* 3442 (2008): 1786- 1787.
- Benedicto XVI. “La teología de la cruz en la predicación de san Pablo”. *Ecclesia* 3442 (2008): 1790 – 1791.
- Benedicto XVI. “La Parusía en la predicación de san Pablo”. *Ecclesia* 3442 (2008): 1794- 1795.
- Benedicto XVI. “La doctrina paulina de la justificación”. *Ecclesia* 3442 (2008): 1781.
- Bortolini, José. “Fuentes para conocer a Pablo”. *Vida Pastoral* 133, (2009): 30.
- Gil, Arbiol. **Qué se sabe de san Pablo en el naciente cristianismo. Cuestiones abiertas en el debate actual**. Navarra: Verbo Divino, 2015.
- Hueso Henry. “La universalidad paulina en el diálogo ecuménico”. *El Cooperador Paulino* 36, (2008): 10-11.
- James D.G. Dunn. **Del Evangelio a los Evangelios**. Bogotá: San Pablo y PUJ, 2014.
- Jordi Sánchez, Bosch. **Escritos Paulinos – Introducción al estudio de la Biblia**. Navarra: Verbo Divino, 1998.
- Peláez, Jesús. “Evangelio y evangelios”. *Koinonia*. <http://servicioskoinonia.org/relat/303.htm> (consultado el 16 de agosto de 2016)
- Reynier, Chantal. **Para leer a san Pablo. La obra epistolar**. España: Verbo Divino, 2009.
- Rivero, Antonio. “Las cartas de san Pablo”. *Conoce tu fe*. <http://es.catholic.net/op/articulos/7799/30a-sesin-las-cartas-de-san-pablo.html> (consultado 12 de agosto de 2016)

Obras sugeridas:

Brown Raymond. ***Introducción al Nuevo Testamento***. Vol II.

Pikaza Xavier. ***Evangelio de Marcos: la buena noticia de Jesús***. Estella:
Verbo Divino, 2012.

Gil Arbiol, Carlos. ***Qué se sabe de Pablo en el naciente cristianismo***. Estella:
Verbo Divino, 2013.

MESA 5

COMO O EVANGELHO SE MANIFESTOU NAS COMUNIDADES CRENTES?

Os evangelhos sinópticos e os Atos dos Apóstolos

INTRODUÇÃO

Esta MESA é destinada às pessoas que estejam interessadas em conhecer um pouco mais acerca da riqueza da Palavra de Deus, especificamente dos evangelhos. A figura de Jesus de Nazaré é o tema central.

Os Evangelhos nos apresentam sua pregação do Reino de Deus, seus milagres, a criação da comunidade de seus discípulos, suas relações com os diferentes grupos do judaísmo, sua permanente referência a Deus como Pai.

Aventurar-se pelos evangelhos não é fácil. E mais: um notável especialista espanhol afirma que os escritos mais difíceis são os do Novo Testamento,¹⁰⁴ com o que concordamos plenamente. Este autor também afirma que frequentemente são mal lidos.

Sua leitura é feita de boa fé e em alguns casos à custa de muita entrega e esforço, mas com escassa informação sobre eles. Por isso se faz necessária esta pequena contribuição para adentrar-nos no estudo dos Evangelhos Sinópticos e dos Atos dos Apóstolos.

Esta mesa apresenta os seguintes temas: Jesus e a Tradição oral da Igreja; o problema sinóptico; o evangelho segundo São Marcos; o evangelho segundo São Mateus; o evangelho segundo São Lucas e os Atos dos Apóstolos. Esperamos que estas reflexões sejam proveitosas para todos.

¹⁰⁴ Guijarro, Oporto, S. **La Buena Noticia de Jesús**. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1987, p. 52-57.

ORAÇÃO

A ti, Senhor, apresento minha esperança e meu esforço; em ti, meu Deus, confio porque sei que me amas. Eu espero sempre em ti. Eu sei que me vistes, que colocastes teus olhos em mim, me queres para ser servidor de teu Reino.

Senhor, quero fazer de tua pessoa e de teu Evangelho o projeto de vida que dê sentido à minha existência.

Espírito Santo, ilumina meu entendimento para que, ao ler ou estudar a Sagrada Escritura, sinta a presença de Deus Pai que se manifesta através de tua Palavra. Abre meu coração para dar-me conta do querer de Deus e a maneira de torná-lo realidade em minhas ações de cada dia. Instrua-me em teus caminhos para que, tendo em conta tua Palavra, seja sinal de tua presença no mundo. Aqui me tens, Senhor, para fazer tua vontade. Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

5.1- Jesus e a tradição oral da Igreja¹⁰⁵

Jesus não escreveu nada, nem seus discípulos foram tomando notas de seus ensinamentos. No entanto, a origem dos evangelhos se encontra Nele. Sua vida, em contínuo contato com o grupo de seus discípulos, é a fonte à qual recorre continuamente a comunidade cristã. Aqui alguns aspectos importantes da pregação de Jesus:

a) As palavras e ações de Jesus

Os evangelhos não pretendem conservar tudo o que Jesus disse e fez. Seu conteúdo é baseado na transmissão da fé no Senhor (testemunho): foram escritos para “que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida eterna em seu nome” (Jo 20,31).

¹⁰⁵ Gujjarro, op. cit., p. 52-57.

As palavras e sinais poderosos de Jesus provocavam a admiração das pessoas e sua fama ia se estendendo (Mt 4,24; Mc 1,28). Algo parecido aconteceu com suas ações.

b) O grupo dos discípulos

Jesus não apenas convocou em torno de si um grupo de discípulos para que compartilhassem seu caminho, como também os instruiu para torná-los pregadores dessa mesma boa notícia que Ele havia começado a anunciar.

c) A experiência pascal

As manifestações do Ressuscitado a seus discípulos produziram a convicção de que Deus havia cumprido a promessa da Salvação.

A respeito da tradição oral sobre suas palavras e feitos, há especialistas que pensam que os cristãos projetaram para trás a experiência da ressurreição e a reflexão sobre ela, de modo que foram significativamente modificadas as lembranças sobre Jesus, tornando impossível a recuperação atual tanto das palavras autênticas do Mestre como de suas atividades.¹⁰⁶

d) As comunidades (ao redor dos anos 30-70)

A ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito no Pentecostes permitem aos discípulos começar a descobrir o mistério de Jesus. Estes discípulos continuam sendo judeus, mas formam no seio do judaísmo um grupo estranho: o das testemunhas de Jesus ressuscitado.

A ressurreição de Jesus é a experiência fundacional da comunidade cristã. Com uma feliz imagem de E. Charpentier,¹⁰⁷ pode-se descrever seu influxo comparando este processo com o da revelação de uma fotografia.

¹⁰⁶ É a posição de alguns expoentes da escola da História das Formas que sustentam posições extremas, como o biblista luterano Bultmann.

¹⁰⁷ Charpentier, Étienne & Burnet, Regis. **Para Leer el Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2006, p. 9.

Essas lembranças vão tomando forma, sobretudo em torno de três centros principais de interesse:

- Os discípulos pregam anunciando Jesus ressuscitado aos judeus e depois aos pagãos: grito de fé dos primeiros cristãos;
- Os discípulos celebram o ressuscitado na liturgia, sobretudo na eucaristia. Nesta ocasião tomam forma muitas de suas lembranças sobre Jesus;
- Os discípulos ensinam aos novos batizados, coletando para isso os feitos e as palavras de Jesus. Logo, novos discípulos se juntam aos primeiros: Barnabé, os sete diáconos com Estevão e Felipe, e sobretudo Paulo.

5.2- O problema sinóptico

O surgimento dos evangelhos escritos demandou certo tempo, respondeu a motivos concretos e supôs uma maneira própria de entender a tradição anterior.¹⁰⁸

Pode-se afirmar que os quadro evangelhos canônicos são composições anônimas surgidas entre os anos 65 e 90, que foram reunidas em uma coleção em torno do ano 125. Os autores não colocaram títulos nos mesmos.

O “Problema” Sinóptico em si

Lendo os três evangelhos sinópticos com um pouco de atenção, são percebidas suas inúmeras semelhanças.

Chamam-se sinópticos porque, se os colocamos um junto do outro e os olhamos em conjunto (*syn* = conjuntamente; *opsis* = *olhada*), dão a impressão de serem parecidos. O problema consiste em tentar explicar a semelhança

¹⁰⁸ Aguirre Monasterio, Rafael y Antonio Rodriguez Carmona. **Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles**. Navarra: Verbo Divino, 1992, p. 20.

entre os três Evangelhos “sinóticos”. Há diferenças, mas as coincidências são mais notáveis.

No entanto, junto a estas semelhanças são observadas diferenças: enquanto Marcos tem apenas 16 capítulos, Mateus tem 28 e Lucas 24. Mateus e Lucas narram a infância de Jesus, enquanto que Marcos não o faz.

Alguns estudiosos solucionam o problema dizendo que todos os evangelistas tiveram presente um evangelho primitivo escrito em aramaico. Outros propõem a ideia de alguns fragmentos não identificados e que foram consultados pelos evangelistas, ou ainda a tradição oral como fonte única de informação.

Durante muito tempo, a hipótese mais utilizada foi a das duas fontes. Segundo esta teoria, Mateus e Lucas tiveram como fontes principais, na hora de redigir suas obras, o evangelho de Marcos e uma hipotética coleção de palavras de Jesus que Marcos, ou não conhecia ou não quis inserir em seu relato, e que se denomina Fonte.¹⁰⁹ É evidente que a relação entre os Evangelhos e as fontes orais e os escritos por detrás deles é complicada.

5.3- O evangelho segundo São Marcos¹¹⁰

a) Data de redação

Este Evangelho foi escrito entre os anos 70 e 75 d.C. em Roma (Antioquia ou Alexandria), lugar onde os cristãos foram perseguidos por Nero. Ele é atribuído a João Marcos, discípulo de Pedro.

b) Autor tradicionalmente atribuído (a partir do século II)

Marcos, o seguidor e “intérprete” de Pedro, usualmente identificado como o João Marcos dos Atos dos Apóstolos. Alguns dos que rejeitaram esta atribuição admitem que o autor pode ter sido um cristão anônimo.

¹⁰⁹ Gujjarro, op. cit., p. 36.

¹¹⁰ Charpentier & Burnet, op. cit. p. 76-91.

c) Teologia e plano de Marcos

➤ *Alguns sinais*

Marcos antepõe a atuação de João Batista à atividade de Jesus. Encontram-se no Jordão. Ao final, há cruz e ressurreição. Jesus começa sua atividade na Galileia e termina em Jerusalém: meta para onde se dirige.

d) Temática dos discípulos

Os discípulos são eleitos especialmente (3,13-19), mas não compreendem nada (concentração crescente de incompreensão, que culmina na cruz; ali se deve chegar a confessar Jesus como Filho de Deus -15,39-). Tudo isso ressalta a gratuidade do chamado de Deus: o discípulo vive da iniciativa de Deus e se realiza no seguimento da cruz.

e) Israel e o povo de Deus

Jerusalém em Marcos é a sede do judaísmo incrédulo (3,22; 7,1). Há repetidos julgamentos de Israel. A parábola dos vinicultores homicidas (11,27; 12,12) indica o ponto culminante; Jesus prediz a queda do templo (13,2). Na paixão é entregue ao pagão Pilatos; são as autoridades religiosas judaicas que exigem sua morte. A siro-fenícia (7,24-30) é uma novidade desse novo povo. O templo deve ser casa de oração para todos os povos (11,17). E, finalmente, o centurião é quem confessa Jesus diante da cruz.

f) Pregação de Jesus

O reino se apresenta como futuro, mas “próximo”, ou seja, presente em Jesus: através dos exorcismos (3,24-27). Há um “mistério” nesse Reino.

g) Segredo messiânico

Wrede harmoniza a contradição entre a fé pós-pascal de Jesus Messias Filho de Deus e a narração da atuação de Jesus, que não era tão messiânica. E segundo Gnllka: a proclamação que Jesus tinha como conteúdo e que ocupou

o lugar da pregação que ele mesmo realizou, só foi possível depois da Páscoa. No centro teológico da pregação de Marcos estão a cruz e a ressurreição.¹¹¹

h) O problema das parábolas

Para Marcos, as parábolas são discursos enigmáticos (cf. Mc 4,10-12). Como tal, serviriam para encobrir a verdade e lançar um juízo de endurecimento sobre o povo obstinado.

i) Imagem de João, o Batista

Marcos apresenta-o como o precursor de Jesus e por isso o insere no começo do evangelho, antes da atividade de Jesus. Ele é associado a Elias (9,9-13; 1,6), que se esperava que devesse vir antes do Messias.

5.4- O evangelho segundo São Mateus¹¹²

Sua composição data provavelmente entre os anos 80 e 90 d.C. Foi atribuído a um dos discípulos históricos de Jesus. Foi escrito em grego, ainda que originalmente venha de uma coleção de palavras do Senhor em aramaico. Procedente da Antioquia, a capital da Síria Romana.

a) O mais judeu dos evangelhos

Refere-se constantemente às Escrituras (mais de 130 vezes). Sua forma de expressar-se é judaica. Fala do reino dos céus, mais que do reino de Deus, porque os judeus não pronunciam o nome divino.

b) As três características de Cristo

Mateus interpretou Jesus a partir do A.T., atualizando para isso suas três principais características de lei, aliança e promessas:

- *Jesus é o autêntico mestre da lei;* uma prova é o sermão da montanha (Mt 5-7).

¹¹¹ Gnllka, Joachim. **Teología del Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta Editorial, 1998, p. 162.

¹¹² Charpentier & Burnet, op. cit., p. 92-107.

- Dando mais um passo, no âmbito eclesiástico, *Jesus é definido como Emmanuel*, o Deus conosco. Assim o apresentou o anjo da anunciação (1,23).
- Jesus se revela como o *juiz escatológico*, quer dizer, como filho do homem que padece nos pobres da terra e como o rei ou o senhor definitivo (Mt 25, 31-46).

c) Características teológicas do Evangelho de Mateus

- O *“evangelho eclesial”*: assim se chamou, às vezes, este evangelho que, mais do que os outros, marcou o cristianismo ocidental. É o único que pronuncia a palavra Igreja (16,18; 18,17); mostra-se preocupado com sua organização.
- *A igreja de Mateus*: a situação das comunidades às quais Mateus prega influenciou amplamente em seu testemunho.
- *A geografia de Mateus*: Mateus segue o esquema de Marcos, mas não insiste, como ele, na oposição Galileia/Jerusalém. Galiléia é uma região importante. Durante o ministério de Jesus aparece como um território judeu, cujas fronteiras Jesus nunca passa; se ele se dirige a Tiro e Sidom indica que a cananéia saiu de seu território para ir até Jesus (15, 21).
- *O reino dos céus e a Igreja*: Jesus inaugura o reino de Deus. A igreja não se identifica com ele, mas é o lugar privilegiado onde o reino se manifesta no mundo.
- *O final dos tempos*: para Mateus, já está tudo feito; chegou o final dos tempos.
- *O Senhor vivo em sua comunidade*: com Marcos descobrimos sobretudo o homem Jesus; Mateus nos situa melhor perante o Senhor glorificado, celebrado em sua comunidade. Os discípulos se prostram em adoração perante o ressuscitado (28,17).
- *O Messias de Israel*: para Mateus, Jesus é o Messias esperado por Israel e anunciado pelas Escrituras. Como bom rabino, Mateus as cita com habilidade para mostrar como Jesus as cumpriu.

- *O Filho do homem*: para Mateus, Jesus é esse Filho do homem; declara-o solenemente perante o Sinédrio e anuncia que é assim que o verão daí em diante (26,64). Mateus é o único que fala da parusia ou chegada (24, 3.27.37.39) do Filho do homem.
- *Jesus envia sua comunidade*: entronizado como Filho do homem, juiz soberano, Senhor do mundo inteiro, Jesus obteve a vitória final. Envia seus discípulos para estabelecer sua vitória por todo o mundo.

5.5- O Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos¹¹³

O autor deste evangelho é incerto, ainda que seja atribuído ao médico e companheiro de Paulo. Escrito na década dos anos 90–100 d.C. em Éfeso, Corinto, dirigidos a uma audiência predominante de gentios, situada na tradição das Igrejas de Paulo, disseminadas pela região do Egeu. Aqui Lucas distingue três tempos da história da salvação: o da promessa, o de Jesus e o da igreja.

a) Características literárias

Lucas é um *narrador culto*, maneja muito bem o grego. Trata de omitir detalhes aborrecedores ou os suaviza (por ex., 22,45). Menciona muitos personagens femininos (Isabel, Ana, Marta, Maria, a viúva de Naim, Lídia, etc.). Os “*relatos da infância*” (Lc 1-2) são como um prólogo teológico ao conjunto da obra.

b) O Jesus de Lucas

Lucas não conheceu Jesus pessoalmente. Portanto, o Jesus que descobriu não é, em primeiro lugar, o profeta itinerante da Galiléia, mas sim o Senhor glorificado que se manifestou a seu mestre Paulo no caminho de Damasco.

- *O Senhor Jesus*: Lucas é o único que chama Jesus como Senhor, quando fala dele. A glória pascal irradia em sua vida terrena. Essa glória o rodeia desde seu nascimento (2, 9.32).
- *Jesus é rei*: em seis ocasiões, Lucas é o único a dizê-lo (1, 32-33; 19, 12s.28s; 22, 28s.67s; 23,40s).

¹¹³ Charpentier & Burnet, op. cit., p. 108-124.

- *O Espírito de Jesus*: apenas em duas ocasiões aparece esta expressão no Novo Testamento (At 16,7; Flp 1,16; Espírito de Cristo em Rom 9,2 e 1 Pe 1,11). O Espírito de Deus penetrou em tal ponto em Jesus que pode chamá-lo de seu Espírito.
- *Jesus é o profeta encarregado de revelar Deus* (7,16-39; 24, 19; At 3,22-23); sua morte é a de um profeta (13,33; At 7,52). Apresenta-o frequentemente como o novo Elias.
- *O homem perante Deus*: Senhor e Cristo, Jesus é também plenamente homem. Vive tão perfeitamente o que anuncia, que é modelo do homem realizado.
- *A Ascensão* (24,50-53; At 1,(6)9-12): se repete em Lucas e nos Atos dos Apóstolos. Em Lucas é o momento culminante do relato, a entrada na glória de Jesus. Em Atos: a ascensão finaliza a presença pós-ressurreição de Jesus (ocorre 40 dias depois da ressurreição, e antes dos 50 dias de Pentecostes); ficará presente no Espírito.

c) O Evangelista da Virgem Maria

A figura da mãe de Jesus teve importância ao longo da tradição evangélica, como mostram Mt 1-2 e Jo 2,1-12; 19,25-27. Mas Lucas coletou e elaborou também as tradições marianas da Igreja com estes elementos:

- *Maria, colaboradora de Deus*: visão israelita da aliança.
- *Maria, a crente*: ela é bem-aventurada porque “acreditou” (1, 45).
- *Maria é profetiza da nova humanidade*: na linha das velhas “mães” de Israel, que cantam a vitória do seu povo contra o inimigo (1Sm 2,1-10; Ex 15,20-21; Jz 5).
- *Maria é a primeira fiel da Igreja*: Ela percorreu todo o caminho de Deus, seguindo a palavra e a exigência de seu filho Jesus Cristo. Por isso a encontramos, ao final de sua peregrinação crente, ao lado dos apóstolos (At 1,13-14).

RESUMO:

O anúncio do evangelho tinha uma singular importância nas comunidades religiosas. Não podemos esquecer que se tratava de uma comunidade em expansão, e a atividade missionária ocupava, como é natural, um grande espaço em sua vida. Vinha depois a catequese ou a instrução continuada sobre diversos aspectos, e muito especialmente sobre o modo de conduzir-se na vida, para que esta fosse reflexo da boa notícia que se anunciava.

Os evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus, Lucas) e os Atos dos Apóstolos, sejam eles escritos pelos autores atribuídos ou por cristãos desejosos de dar a conhecer Jesus de Nazaré, são, sobretudo, testemunhos de fé que tratam de colocar seus leitores em contato com Ele. O acesso ao acontecimento passa necessariamente através destas mediações.

Por isso, é importante conhecer o processo que descrevemos, porque ajuda a compreender as circunstâncias concretas em que foram transmitidas a tradição sobre Jesus, as motivações e os condicionamentos daqueles que tomaram parte de tal processo etc.

Nos evangelhos se encontra uma tradição à luz da fé no Senhor ressuscitado. A mesma fé que impulsionou e continua impulsionando os crentes a querer conhecer mais sobre Jesus.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

A partir da temática apresentada:

- 1) Que importância tem para nós o estudo dos evangelhos sinópticos?
- 2) Em sua opinião, quais são as principais diferenças entre estes evangelhos?

AVALIAÇÃO:

Relacione:

- | | |
|---------------|---------------------|
| 1. Sinópticos | a) Boa notícia |
| 2. Emmanuel | b) Narra a infância |
| 3. Evangelho | c) Parecidos |
| 4. Lucas | d) Deus conosco |

Escreva V - F para as seguintes alternativas:

- a) Lucas tem 21 capítulos ()
- b) Marcos é o evangelista da Virgem Maria ()
- c) Mateus é o único que chama Jesus de Senhor ()
- d) Marcos tem 28 capítulos ()

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

- Aguirre Monasterio, Rafael y Antonio Rodriguez Carmona. ***Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles***. Navarra: Verbo Divino, 1992.
- Carson, Donald. ***Una introducción al Nuevo Testamento***. Barcelona: CLIE, 2008.
- Charpentier, Étienne y Burnet, Regis. ***Para Leer el Nuevo Testamento***. Navarra: Verbo Divino, 2006.
- Guijarro Oporto, S,. ***La Buena Noticia de Jesús***. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1987.
- Brown, Raymond. ***Introducción al Nuevo Testamento***. Vol II. Madrid: Trotta Editorial, 2002.
- Escuela Bíblica de Jerusalén. ***Biblia de Jerusalén***. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2009.
- Gnilka, Joachim. ***Teología del Nuevo Testamento***. Madrid: Trotta Editorial, 1998.

MESA 6

COMO JESUS FOI COMPREENDIDO NA COMUNIDADE DO DISCÍPULO AMADO?

A tradição joanina

INTRODUÇÃO

Nesta mesa centralizaremos nossas reflexões na pessoa de Jesus a partir da perspectiva do autor do quarto Evangelho. Para isso, adentramos no que se denomina de *corpus joanino*.

Durante este passeio pelo *corpus joanino* cabe uma perguntar: ***como Jesus foi compreendido na comunidade do Discípulo Amado?***

Para responder a esta pergunta realizaremos um passeio pelo quarto Evangelho, analisando os aspectos literários, a cristologia e a eclesiologia que seu autor nos apresenta.

Por último, faremos um passeio pelas cartas de João. Durante este passeio poderemos apreciar como o Evangelho de João se diferencia dos sinópticos em seu estilo e conteúdo.

ORAÇÃO

Senhor da Vida: obrigado por esta nova oportunidade de começar e continuar perguntando, buscando, aprendendo, construindo...

Quero pedir-te que meu olhar seja profundo e limpo para olhar com esperança os dias que vou dividir com minha família.

Acompanha-me na travessia do crescimento, da entrega, do amor e de luta por um mundo mais humano e mais justo para todos.¹¹⁴

¹¹⁴ Martínez E., a partir de um texto de Ulibarri Florentino, "Oración", 2006.

Que eu dê as boas vindas com um sorriso a todos que me oferecem sua mão e que eu saiba criar com eles uma rede de acolhida, de presença, de comprometimento e de solidariedade, de modo que cada nome e cada história me sejam importantes.

Que eu receba como um presente pessoal teu cada uma das coisas criadas e saiba desfrutá-las, mas também cuidá-las e dividi-las não apenas com os meus.

Que a cada manhã eu desperte sereno e com energia, com uma graça em meu coração e em meus lábios, e que minhas palavras e meus atos, pequenos ou grandes, anunciem que tua presença segue viva entre nós.

Que meu espírito esteja aberto para descobrir o que queres de mim em cada momento e que minha oração seja um tempo de amor e de docilidade à tua Palavra.

Senhor, sê Tu minha Rocha, minha Força, meu Consolo e meu Apoio... e ainda que eu me esqueça de Ti, não te esqueças nunca de mim. Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

6.1- Aspectos literários do quarto Evangelho

Ao comparar o estilo do quarto evangelista com os sinópticos, encontramos certas características que lhe são particulares. Em 20,30-31, o mesmo autor afirma que “fez Jesus, na presença dos seus discípulos, ainda muitos outros milagres que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos, para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome”.

Aparece então o primeiro aspecto literário característico do Evangelho de João, que é o “sinal”, que está destinado a levar a fé em Jesus, Messias e Filho de Deus.¹¹⁵

¹¹⁵ Schnackenburg. **Los signos joánicos**. Barcelona, 1980, p. 381.

O significado teológico do sinal se explicita pelo fato de que por meio dele Jesus manifestou sua glória; quer dizer, torna-a visível e experimentável para seus discípulos pela fé. Jesus, antes de ressuscitar Lázaro, diz a Maria: “Não te disse que se crês verás a glória de Deus?” (11,40)

Os sinais levam então à fé e manifesta que o poder de Deus opera em Jesus e que Deus é origem e meta de toda glória própria de Jesus.

a) O mal entendido

O autor do quarto evangelho também faz uso do mal entendido: Jesus é Deus feito carne, ou seja, uma realidade celeste, não terrena, posto que é oferecido pelo Espírito eterno. Mas, ao fazer-se homem, deve usar uma linguagem terrena para fazer-se compreender.

É assim como Jesus, o Verbo feito homem, emprega uma linguagem figurada ou metafórica para descrever a si mesmo e manifestar sua mensagem. O problema aqui é que quem escuta a mensagem normalmente não capta a metáfora, mas sim apenas o seu significado material.

Por isso, Jesus deve recorrer à explicação e desta maneira desenvolve mais sua doutrina. Tais mal entendidos permitem aproximar-se da teologia joanina da encarnação.

Alguns exemplos de mal entendidos:

- Jo 2,19-21: Jesus se refere ao templo de seu corpo. O próprio autor o especifica no versículo 21.
- Outro exemplo aparece em Jo 3,3-4: Jesus fala em nascer de novo, o que Nicodemos entende ser necessário voltar ao ventre materno. Depois o autor esclarece, no versículo quinto, que se trata de um nascimento pela água e pelo Espírito.
- Outros exemplos podem ser encontrados em: 4,10-11; 6, 26-27; 8, 33-

35; 11,11-13.¹¹⁶

b) A ironia joanina

Esta figura é uma combinação entre duplo sentido e mal entendido. “A ironia que João atribui a Jesus normalmente tem um toque de ternura, hostilidade, estupor, sofrimento ou drama, entre outros”.¹¹⁷

Alguns exemplos de ironia: Jo 3,2. Não podemos esperar que Deus nos mostre seu rosto se não formos capazes de amar-nos uns aos outros. (Jo 6,42) Jesus é criticado por autoproclamar-se Filho de Deus; o motivo da dúvida e do comentário irônico aqui é sua procedência humilde. Outros exemplos: Jo, 7,35; 9, 40-41; 11;50.¹¹⁸

c) Duplo significado

O duplo significado, no quarto Evangelho, é ressaltado em ocasiões em que o autor coloca nos lábios de Jesus palavras com duplo significado que podem acabar em um mal entendido.

Por um lado, pode surgir um jogo de significados com relação ao sentido múltiplo de uma palavra usada por Jesus. Estes sentidos podem ter sua origem no hebraico ou no grego. É assim que as pessoas que escutam a mensagem entendem um sentido enquanto Jesus pretende outro. Exemplo: em Jo 3,14; 8,28; 12,34 “ser elevado” significa crucificação e retorno a Deus; em 11,50-52, “morrer por”, o que significa “em vez de” ou “em favor de”.¹¹⁹

Por outro lado, o autor pretende que o leitor capte vários fragmentos de significado na mesma narrativa ou na metáfora. Existe um significado próprio de contexto histórico do ministério público de Jesus, e um segundo onde se apresenta a situação da comunidade cristã que crê em Jesus. Por exemplo, o

¹¹⁶ Brown, Raymond. **Evangelio según Juan**. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1999, p. 445.

¹¹⁷ Idem, p. 447.

¹¹⁸ Idem, p. 447.

¹¹⁹ Idem, p. 446.

discurso do pão da vida parece ter um duplo significado, isto é, o de revelação e sabedoria divinas (Jo 6,35-51) e a Eucaristia em (6, 51b-58).¹²⁰

Por último, encontramos os discursos duplicados, ou seja, algumas vezes um discurso coincide até o ponto de haver correspondência de um com o outro, versículo por versículo. Alguns exemplos podem ser a comparação de Jo 3,31-36 com 3,7-8; 5,26-30 com 5,19-25; 10,9 com 10,7-8; 10,14 com 10,11.¹²¹

d) Inclusões e transições

A inclusão no quarto Evangelho se dá quando o autor menciona um detalhe no final de uma seção, o qual faz referência a algum detalhe mencionado no início da mesma seção. Desta maneira, o autor compacta as seções.

e) Parênteses ou notas de rodapé

As notas entre parênteses que o evangelista oferece destinam-se a explicar o significado de alguns termos ou de nomes semíticos (Messias, Cefas, Siloé, Tomé em 1,4-42; 9,7; 11,16. Este elemento prepara o terreno para o próximo desenvolvimento da narração ou para futuras indicações geográficas.

Exemplos disso podem ser encontrados em 2,9; 3,24; 4,8; 6,71; 9,14.22-23. Pode também apresentar perspectivas teológicas (2,21-22; 7,39; 11,51-52; 12,16-33); também alusões que defendem a divindade de Jesus como em 6,6.64.

6.2- A Cristologia do quarto Evangelho

O quarto evangelho nos oferece, na realidade, um verdadeiro tratado teológico sobre a figura de Jesus. Seu tema, com todas as variações possíveis, aparece uma e outra vez: conhecer Jesus é ter vida em abundância. Ele é o Filho de Deus, o Revelador do amor de Deus aos homens, que entrega sua vida por

¹²⁰ Idem, p. 447.

¹²¹ Idem, p. 447.

eles, amando-os até o extremo. Isto supõe que a Cristologia de João está ordenada na Soteriologia.¹²²

A cristologia do enviado reflete uma profunda crise na comunidade joanina. Esta crise é uma primeira chave de interpretação contextual para compreender a cristologia da pré-existência. Os cristãos desta comunidade, que em um primeiro momento participam da sinagoga judaica, são interpelados e perseguidos por causa de sua fé em Cristo.

Esta segregação, que é provocada pelas autoridades judaicas, leva os cristãos a romper com os “judeus” e a desenvolver uma cristologia em que se pede ao cristão que rompa com o passado (At 2,44-47) (Jo 9,22) e confie em Cristo.

Os cristãos compreendem que sua fé no enviado os leva a um rompimento com a sinagoga. O evangelista quer expor à comunidade que vive esta ruptura com as tradições do passado, que a sua identidade se encontra não nas antigas tradições judaicas, e sim que ela é uma comunidade cristã que procede do Pai.

Esta cristologia representa a proposta do evangelista para superar a ruptura com as tradições judaicas e é por isso que o evangelista não apresenta a Igreja como uma nova sinagoga; ela foi enviada ao mundo como Cristo foi enviado ao mundo. A cristologia da pré-existência aparece fundamentalmente desenvolvida nos capítulos 4-13. Esta seção está centralizada na pessoa de Cristo e a questão medular está em mostrar que Jesus é o enviado do Pai; ele é Profeta-Messias que descende do alto.

No entanto, João apresenta este profeta como Filho do Homem que é exaltado na cruz e glorificado pelo Pai. O mundo cultural semita não se expressa de

¹²² Instituto Superior de Ciencias Religiosas, *San Juan*, Madrid, 1990 (80). Soteriologia é basicamente a doutrina da salvação, ou seja, é a área da teologia que estuda a salvação em todos os seus aspectos. A palavra “soteriologia” vem do grego “*soteria*” e significa “salvação” ou “livramento”.

acordo com categorias essencialistas. Devido a isto, é importante observar que a cristologia do redator final pressupõe um contexto distinto, onde se compreende o mistério da encarnação e da morte de Cristo a partir de um horizonte ligado a categorias diferentes das semitas. A preocupação pela realidade da encarnação e a morte de Cristo mostra uma troca de lugar conceitual, uma vez que a redação final, situada em outro contexto social e cultural, reinterpreto a cristologia do enviado.¹²³

O evangelho de João é, pois, uma leitura em profundidade da vida de Jesus e à luz do espírito; e nela se soma, por sua vez, a vida palpitante da comunidade que a escreve. A comunidade parte da experiência do Espírito, de seu encontro transformador com Jesus, e confessa sua fé, dá testemunho da presença de seu Senhor e centraliza todo seu interesse em que o Evangelho seja Jesus e apenas ele.¹²⁴

6.3- A Eclesiologia do quarto Evangelho

As comunidades em torno do quarto evangelho constituíam um movimento nascido na parte mais oriental do império, independente do que depois se chamaria “a grande igreja”.

Não eram o único movimento deste tipo, pois, como escreve Aguirre, no início do cristianismo “houve grupos de discípulos de Jesus que não se vincularam a esta grande corrente que se afirma com clareza e que é muito plural”. Mas foram, sem dúvida, o mais numeroso e mais importante destes grupos desligados da grande corrente. Assim o mostram os chamados “escritos joaninos” (quarto evangelho e cartas). Foram ainda um movimento que se distinguia por um fervor e um amor muito particular à figura de Jesus.¹²⁵

¹²³ Carbullanca, César. “El discípulo amado: Una clave hermenéutica de la cristología joánica”. *Theologica Xaveriana*, 166 (2008): 414

¹²⁴ Instituto Superior de Ciencias Religiosas, *San Juan*, 60.

¹²⁵ “Escritos joaninos”. Disponível em: <http://dominicothomasino.blogspot.com.co/p/elesiologia-10/09/2016>.

A eclesiologia joanina destaca o igualitarismo entre todos seus membros, porque o que se valoriza é o que se têm em comum, mais que os carismas ou ministérios particulares de cada um. Este seria um bom corretivo contra qualquer tipo de clericalismo que discrimina entre “estados” dentro da Igreja, para valorizar excessivamente determinados ministérios.

“O quarto evangelho tem um interesse primeiramente cristológico. No entanto, é grande a insistência em promessas do Espírito Santo, especialmente nos discursos de despedida”.¹²⁶

a) O Paráclito como continuador da comunidade

“Nos diálogos, Jesus nos fala indistintamente do Paráclito, do Espírito da verdade e do Espírito Santo, [...]. O Paráclito é um enviado que procede do Pai, o qual o enviará em nome de Jesus”.¹²⁷

b) A missão do Paráclito

“A lembrança que desperta o Espírito não se reduz a um retorno ao passado, mas que introduz mais profundamente no ensino e na pessoa de Jesus. O anúncio ‘do que há de vir’ deve ser compreendido como um modo de interpretar, para cada geração, a vida e a palavra de Jesus”.¹²⁸

“Para Brown, a comunidade joanina – centralizada exclusivamente no Paráclito – não foi capaz de resistir às cisões cismáticas, pelo que viu a necessidade de estruturar-se segundo a autoridade da “grande igreja”. Enquanto 1 e 2Jo parecem absorvidas por problemas intra-eclesiais, 3Jo manifesta a urgência missionária”.¹²⁹

São três as cartas que chegaram a nós com o nome de João. A primeira delas é teologicamente a mais importante. Suas afinidades com o Evangelho

¹²⁶ Instituto Superior de Ciencias Religiosas, *San Juan*, 90.

¹²⁷ *Idem*, 91.

¹²⁸ *Idem*, 91.

¹²⁹ *Idem*, 121.

aparecem já na primeira leitura: ambos os escritos são abertos com a confissão de que Jesus é Palavra de Vida (1 Jo 1,1 e Jo 1,1) e só depois de uma leitura mais atenta começam a ser percebidas as diferenças.¹³⁰

6.4- As cartas de João

As cartas de João foram escritas no final do século I d.C., na província da Ásia (oeste de Anatólia). Das três cartas que levam o nome de João, uma é a mais geral, importantíssima, e as outras duas são muito breves:

- A primeira carta de João (1,5-2,17) mostra que a comunhão com Deus e o conhecimento de Deus só se convertem em realidade autêntica no amor ao irmão.
- A segunda carta de João (2,18 a 3,24) situa o surgimento dos adversários no marco da espera do fim e conclama os destinatários a permanecerem firmes na fé e na esperança.
- A terceira carta de João (4,1-5,12), por último, estabelece um estreito vínculo entre o amor e a fé.¹³¹

a) Primeira Carta

1 João se encarregará de esclarecer todos estes pontos, dando, assim, a chave correta de leitura do evangelho. Mas, iniciemos levando em conta alguns dados.

Para começar, a “carta” é anônima. O autor nunca diz seu nome, nem assina. Se parece mais com um pequeno tratado que uma verdadeira carta.¹³² “O autor de 1 Jo, em uma clara e forte polêmica, dedica epítetos que no evangelho de João se aplicam aos “judeus”: filhos do diabo: 1 Jo 3,8.10; cf. Jo 8,44, entre outros.¹³³

¹³⁰ Idem, 110.

¹³¹ Zumstein J. “As cartas Joaninas”, 372- 373.

¹³² Mendoza C. **Introducción al Nuevo Testamento**. Salamanca. Sígueme, 1988, p. 381.

¹³³ Idem, p. 282.

Em resumo, a primeira carta de João é um pequeno tratado do amor, como novo rosto de Deus, revelado e tornado acessível por Jesus Cristo. Esta carta se impõe por sua atualidade e imediatez, apesar da distância cultural e histórica, aos leitores cristãos de todos os tempos.

Este pequeno escrito, com uma capacidade de síntese excepcional, mostra a coerência e unidade da mensagem cristã, na qual são conjugadas harmonicamente a mais elevada reflexão sobre Deus, revelada em Jesus Cristo, o Filho único, e as consequências para a vida conjugal e prática dos indivíduos e das comunidades cristãs.

b) Segunda Carta de João

“A existência e a leitura de 2Jo e 3Jo estão atestadas tardiamente na tradição da Igreja antiga. Sua admissão no cânone foi objeto de controvérsias”.¹³⁴

“2 João é uma carta parenética dirigida a uma comunidade. Depois de um breve lembrete da tradição da fé joanina, o Ancião formula uma advertência contra os hereges. Depois ordena que não se admita na comunidade os enviados itinerantes que não compartilham sua concepção teológica”.¹³⁵

c) Terceira carta

“3 João é uma carta de recomendação dirigida a um indivíduo. O Ancião escreve a um tal Gaio para pedir-lhe que conceda hospitalidade a um pregador itinerante chamado Demétrio”.¹³⁶

d) A relação entre 2-3Jo e 1Jo

“Que vínculo há entre 2 e 3João, de um lado, e 1João do outro?”

Em primeiro lugar, deve-se falar de um parentesco inquestionável. Os dois temas principais de João, ou seja, o rumor de uma crise no seio das igrejas joaninas e a exortação a amar ao irmão reaparecem em 2 e 3 Jn”.¹³⁷

¹³⁴ Idem, p. 383.

¹³⁵ Idem, p. 384.

¹³⁶ Idem, p. 385.

Nas três cartas se destacam conselhos como: manter a unidade cristã, amar a Deus guardando seus mandamentos, evitar a escuridão andando na luz, mostrar amor aos irmãos e andar continuamente na verdade.

RESUMO:

Quando se fala da comunidade do discípulo amado, é feita referência a diversos grupos de cristãos que viam sua fé no quarto Evangelho. Recordemos que o evangelho de João é um escrito doutrinal em forma de evangelho. Sua primeira intenção é o ensino.

Nele, os milagres são sinais; os discursos, mais que discursos de Jesus, são discursos sobre Jesus.

Seu interesse é sempre cristológico; as discussões não versam sobre os problemas do tempo de Jesus: a lei, o sábado, os alimentos puros e impuros, a forma de fazer a oração, o jejum, a esmola... e sim sobre as pretensões de Jesus de ser o enviado do Pai...; são discussões sobre Jesus; são utilizadas outras categorias de pensamento, que expressam a mesma realidade: verdade, vida, luz, mundo de Deus.

Por isso, em nossa atualidade, estamos convidados a compreender Jesus a partir da fé que professamos. Os escritos de João mostram uma comunidade cuja imagem de Jesus foi desenhada em um contexto conflitivo que induziu ao antagonismo com os de fora e a divisões entre os de dentro.

Do mesmo modo que se manifesta em Jesus, a palavra transmitida à comunidade joanina se fez carne naquele momento histórico determinado.

¹³⁷ Idem, p. 281.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

O quarto Evangelho é-nos apresenta como testemunho: Jesus dá testemunho do Pai e os discípulos dão testemunho de Jesus. O Espírito dá testemunho, e guia e ilumina os que crêem em Jesus. A comunidade joanina soube dar testemunho e fazer evangelho, ou seja, dar a boa notícia.

- 1) Como dou hoje o testemunho de Jesus?
- 2) O que estou fazendo para que minha comunidade seja mais entusiasta e fraterna?
- 3) Como posso me tornar um sinal de comunhão evangélica em meu ambiente?
- 4) Como ser construtor de comunhão entre as pessoas e grupos com os quais me relaciono e trabalho?

AVALIAÇÃO:

- Construa uma breve carta aos membros de sua equipe, que narre o testemunho de sua experiência de Jesus através do matrimônio.

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

Brown, Raymond. *Evangelio según Juan*. Ediciones Cristiandad. Madrid, 1999.

Carbullanca, César. “El discípulo amado: Una clave hermenéutica de la cristología joánica”. *Theologica Xaveriana* 166, (2008): 409-438.

“Escritos joánicos”. Disponible en

<http://dominicothomasino.blogspot.com.co/p/ecclesiología> - Consultado el 10/09/2016.

Instituto Superior de Ciencias Religiosas. San Juan. Madrid, 1990.

Martínez, E. a partir de un texto de Florentino Ulibarri - *Oración*, 2006.

Mendoza C. *Introducción al Nuevo Testamento*. Salamanca, Sígueme, 1988.

Schnackenburg. *Los signos joánicos*. Barcelona, 1980.

MESA 7

QUAIS SÃO AS FORMAS PRINCIPAIS ATRAVÉS DAS QUAIS O EVANGELHO FOI COMUNICADO?

Os subgêneros dos evangelhos

INTRODUÇÃO

O estudo das formas nos evangelhos permite ao leitor aproximar-se com maior clareza dos textos e ver suas estruturas, pois os evangelhos têm intenções literárias e teológicas que permitem ao leitor de hoje encontrar um fio condutor, aproximar-se da cultura e cosmovisão das comunidades cristãs do século I.

Além disso, deve ser considerado que há poucos dados sobre os escritores;¹³⁸ ainda assim, segundo Dibelius, para a forma literária da tradição sinóptica, “a participação do Evangelista é muito limitada e se concretiza na seleção do material, sua datação em um contexto preciso e sua elaboração literária definitiva”;¹³⁹ com relação aos destinatários e contexto existe maior informação.

As formas principais através das quais o Evangelho foi comunicado são os relatos da infância, o ministério ou atividade apostólica e a paixão de Jesus.

Para narrar estes três subgêneros nos evangelhos foram usados hinos, orações, pregações (ensinos, instruções, comparações...), histórias de fatos, textos com figuras e símbolos, sinais, milagres e palavras de Jesus de Nazaré.¹⁴⁰

¹³⁸ Sua autoria é desconhecida, ainda que pela tradição contam com sua atribuição a Marcos, Mateus e Lucas.

¹³⁹ Dibelius, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Valencia: Edicep, 1984, p. 15.

¹⁴⁰ Seubert, Augusto & Equipo Misionero. **Cómo entender el mensaje del Nuevo Testamento**. Paulinas, 1992, p. 25-33.

Esta MESA tem por finalidade desenvolver estes três subgêneros dos evangelhos.

ORAÇÃO

Ó Espírito Santo, Luz que nos ilumina, Sabedoria que nos ensina o conhecimento divino, Amor que nos mostra a doçura do Amor, único Mestre que nos guia no Caminho da Verdade.

Ajuda-nos a compreender a Sagrada Escritura que foi escrita por tua inspiração, para que seja instrumento de nossa conversão e assim construir o Reino de Deus neste mundo.

Aumenta nossa fé para que, a cada dia, vivamos com nosso coração cheio de teu amor e sejamos cada vez mais humanos ao estilo de Jesus. Amém.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

7.1- Os relatos da infância de Jesus

Partimos da premissa que apenas dois evangelistas escrevem sobre a infância de Jesus (São Mateus e São Lucas), partindo do anúncio do anjo Gabriel a Maria.

Em Mateus, podem ser encontrados cinco momentos chaves para falar sobre a infância de Jesus: Anúncio do nascimento de Jesus (ver em Mt 1,18-25); Os magos buscam Jesus (ver em Mt 2,1-12); Fuga ao Egito (ver Mt 2,13-15); Matança dos inocentes (ver Mt 2,16-18); Regresso do Egito (ver Mt 2,19-23).

Mateus insiste muito em que Jesus nasceu em Belém, pátria de Davi e lugar de residência da família de seu pai. É certo que passou sua infância em Nazaré e, por isso, era conhecido como o Nazareno. Os nomes que aparecem no capítulo segundo têm todos eles um significado teológico:

Belém era o lugar no qual, segundo as escrituras, o Messias devia nascer; o Egito era o lugar onde o povo escolhido esteve cativo e a partir do qual iniciou

o caminho do êxodo para a terra de Israel; Jerusalém é o lugar onde vivem os que se opõem a Jesus; Nazaré, finalmente, é o lugar de residência de Jesus, segundo haviam anunciado as antigas profecias.¹⁴¹

A todo o momento, Mateus esclarece suas afirmações, assinalando o cumprimento das profecias do Antigo Testamento nos acontecimentos que rodeiam os primeiros momentos da vida de Jesus. Também muitos pagãos que haviam entrado para fazer parte da comunidade de Mateus podiam ver-se refletidos na atitude destes misteriosos personagens. Os magos são de origem pagã, mas através dos sinais descobrem a presença de Jesus e o buscam corajosamente e recorrem aos judeus para que lhes expliquem as escrituras, nas quais se fala de Jesus, e quando o encontram, adoram-no.¹⁴²

Os letrados de Jerusalém escutaram o anúncio do nascimento de Jesus, conhecem a profecia segundo a qual o Messias tinha que nascer em Belém; no entanto, sua reação é de perturbação.

Esta crueldade com que Mateus descreve a atitude de Herodes é coerente com os dados históricos que temos de seu reinado, mas nela o evangelista quer também prever o destino que aguarda Jesus e a perseguição de que serão objeto seus seguidores. Neste grupo de personagens os leitores de Mateus podiam reconhecer os judeus que haviam rejeitado Jesus, apesar de conhecerem as Escrituras. Não nos esqueçamos de que foram as autoridades de Jerusalém que condenaram Jesus à morte, e que os mestres da lei se opunham abertamente aos cristãos nos tempos do evangelista.¹⁴³

A infância de Jesus em São Lucas tem o esquema literário muito claro. Há, com efeito, seis atos ou acontecimentos distintos, que se correspondem de dois em dois: duas anunciações paralelas (a Zacarias e à Virgem); dois nascimentos e circuncisões (de João e de Jesus; curto aquele e comprida esta no primeiro, e vice-versa no segundo); finalmente, duas cenas relacionadas no Tempo (Apresentação e perda da Criança).

¹⁴¹ Muñoz Iglesias, Salvador. **Los Evangelios de la Infancia**. Madrid, 1987, p. 89.

¹⁴² Brown, Raymond. **El nacimiento del Mesías. Comentario a los relatos de la infancia**. Madrid, 1982, p. 237.

¹⁴³ Muñoz Iglesias, Salvador, op. cit. p. 92.

Cada ato ou mistério tem no centro uma cena mais ou menos dialogada, mas na qual a linguagem tende a fazer-se poética.¹⁴⁴ Mateus centra sua narração em torno de José; Lucas, ao contrário, em Maria.

7.2- As parábolas de Jesus.

As parábolas são relatos tomados da vida cotidiana e visam transmitir um ensinamento. Jesus utilizava muitas parábolas para ensinar o povo, porque “Tudo isto contou Jesus ao povo em parábolas. Não lhes dizia nada sem usar parábolas” (Mt 13,34); “Era por meio de numerosas parábolas desse gênero que Ele lhes anunciava a Palavra, conforme eram capazes de compreender. E não lhes falava, a não ser em parábolas; a sós, porém, explicava tudo a seus discípulos.” (Mc 4,33-34)¹⁴⁵

O hebreu chama a parábola de “*masha*” (=ser semelhante a...). Esta raiz chegou a significar símile, comparação, alegoria, provérbio, etc.... No Novo Testamento é usada a palavra “*parabolé*” com muita amplitude: Como símile: um remendo novo em roupa nova (Lc 5,36); Como símbolo: as duas tendas (Hb 9,9); Como provérbio: o cego guia de outro cego (Lc 6,39), etc...¹⁴⁶

As parábolas de Jesus em três grupos

O primeiro grupo são as parábolas dos mistérios do Reino de Deus; começa pela parábola do semeador e sua explicação correspondente, separada por alguns “*logia*” que parecem ser, como se gosta de dizer hoje, alguma “*ipsissima verba*” (“*mesmíssima palavra*”) de Cristo.

Depois seguem-se algumas parábolas com a fórmula: “O Reino dos Céus (ou de Deus) é semelhante a ...”. O mistério do Reino de Deus é composto por um paradoxo. Esperava-se de Deus uma obra de poder, e se encontra frente a uma intervenção secreta, suscitada no fundo das almas pela “boa notícia” de

¹⁴⁴ Bovon, Francis. **El evangelio según san Lucas**. Vol I, Salamanca, 1995.

¹⁴⁵ Días, José. **Anotações sobre as Parábolas do Evangelho**, p. 7

¹⁴⁶ De la Torre Guerrero, Gonzalo. **Las parábolas que narró Jesús**. Quibdó (Chocó): Mundo Libro, 2009, p. 12.

Jesus e quase reservada aos “pobres”. Mas, a este humilde começo foi prometido o porvir.¹⁴⁷

O segundo grupo são as parábolas da nova justiça: Jesus transpira apenas a paternidade, a bondade, a misericórdia, que constituem o profundo da natureza de Deus. A misericórdia fundará uma nova justiça, que desconhece todos os zeladores da Lei, Fariseus, monges de Qumrán, sacerdotes e levitas do templo.

São Paulo designará a justiça humana como a justiça de Deus ou a justiça segundo a fé. Justiça de Deus, portanto, é dom. E justiça segundo a fé: o homem se rende ao dom de Deus, aceitando-o com confiança.¹⁴⁸

E o **terceiro grupo** são as parábolas da coleção eterna. Pode-se dizer que a escatologia é realizada no Reino dos céus presente nesta terra. Mas a realização é secreta e misteriosa, e o Reino atual continua sendo sempre “escatologia”; vem de Deus e caminhou tensamente até sua plenitude escatológica, da qual recebeu todo seu valor.¹⁴⁹

As parábolas são verdadeiros tesouros que contêm o Reino dos céus. Por isso, os cristãos possuem hoje as parábolas em seus tesouros. O próprio Jesus é a grande parábola de Deus que nos foi dada, não para saber mais de Deus, mas sim para chegar a Ele.

7.3- Os relatos de curas e exorcismos

“Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando as doenças e dores das pessoas (...)”. (Mt. 3,23) Seubert entende os relatos das curas e exorcismos como “(...) sinais fortes que a comunidade via em Jesus”.¹⁵⁰ “(...) figuras de milagres espirituais de fé(...)”,¹⁵¹

¹⁴⁷ Cerfaux, Lucien. **Mensaje de las Parábolas**. Mora-España: Fax, 1969, p. 33.

¹⁴⁸ Idem, p. 123.

¹⁴⁹ Idem, p. 179.

¹⁵⁰ Seubert, Augusto & Equipo Misionero, op. cit, p. 31.

¹⁵¹ Idem.

experiências espirituais que as comunidades viveram e comunicaram com rica simbologia, as quais é necessária conhecer para entender a mensagem ou conteúdo de seu sentido profundo.

De outra perspectiva, Antonio Pagola entende os milagres como acontecimentos reais do atuar de Jesus; os milagres são “um sinal para indicar a direção na qual é preciso agir para acolher e introduzir o reino de Deus na vida humana”;¹⁵² o agir de Jesus busca criar uma sociedade mais saudável; de maneira integral. Pagola diz que Jesus:

Não se preocupa apenas com seu mal físico, mas também com sua situação de impotência e humilhação por causa da doença. Por isso, os doentes encontram nele algo que os médicos não conseguiam com seus remédios: uma relação nova com Deus que lhes ajuda a viver com outra dignidade e confiança perante ele.¹⁵³

Estes relatos também podem ser entendidos a partir do seu próprio conteúdo. Philipp Vielhauer considera que as curas e exorcismos que provocam polêmica em torno de Jesus (seja por seus atos ou palavras) têm sua importância na polêmica e não no milagre, pois nem todos os relatos de curas ou exorcismos têm o centro destes atos como tais; alguns desembocam em algo mais; a esse respeito, comenta:

(...) nem toda narração em que aparece um prodígio é uma história de milagres; nisso coincidem Dibelius e Bultmann. Só teremos uma história de milagres quando for descrito o processo milagroso e este constituir o conteúdo da narração, mas não quando uma cura de Jesus aporta, por exemplo, o motivo para um diálogo polêmico. A diferença pode ser esclarecida comparando Mc 3,15 e 7,32-35.¹⁵⁴

a) Estrutura dos relatos

Segundo Etienne Charpentier,¹⁵⁵ na maioria dos relatos de milagres pode ser observada a seguinte estrutura:

- Uma introdução do caso, a petição de intervenção.

¹⁵² Pagola, José Antonio. **Jesús, Aproximación histórica**, PPC, 2013, p. 37.

¹⁵³ Idem, p. 56.

¹⁵⁴ Vielhauer, Philipp. **Introducción al Nuevo Testamento, Los apócrifos y los padres apostólicos**. Salamanca: Sígueme, 1991, p. 307.

¹⁵⁵ Charpentier, Etienne. **Para leer el Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 1994, p. 24.

- Confiança de quem pede ou dos que estão ali.
- A intervenção daquele para quem se pediu o milagre.
- O resultado.
- Finalmente, a reação das pessoas que veem o acontecido.

Philipp Vielhauer nos mostra três elementos que se mantêm em sua maioria nos relatos das curas:

- Pede-se ajuda a Jesus e descreve-se a doença;
- Descreve-se o acontecimento da cura;¹⁵⁶ para os exorcismos, algumas características singulares são: o demônio reconhece Jesus como superior a ele, resiste, há discussão, finalmente a cura é feita depois de uma ordem ameaçadora e o demônio sai mostrando sua força;
- Constatação do êxito da cura.

b) Finalidade dos relatos

No século I, algumas doenças¹⁵⁷ são consideradas como impureza, “(...) estar separado de Deus, [ser] incapaz de estar em sua presença, merecedor e causa de maldição e morte para o povo e para quem tratar com ele; sua mera presença era fonte de contaminação.”¹⁵⁸

A prática curativa e exorcista de Jesus significam vida, liberdade, esperança, dignidade para o povo. Jesus não apenas devolve a saúde: sua ação é uma cura integral, devolve à pessoa a possibilidade de conviver em sua comunidade, a recuperação física e a possibilidade do encontro com Deus, com o Deus de Jesus, que é misericordioso e acompanha os *pequenos do Reino*.

¹⁵⁶ Em algumas são destacadas as ações de Jesus, que o diferenciam dos curadores e exorcistas de seu tempo; destes, conhecemos suas ações por fontes diversas, entre elas, o Talmude da Babilônia, o historiador Flavio Josefo, entre outros.

¹⁵⁷ É o caso concreto dos leprosos ou o fluxo de sangue (a Hemorragia).

¹⁵⁸ Bravo, Carlos. **Galilea Año 30: Para leer el Evangelio de Marcos**. México (D.F.), El Almendro, 1989, p. 9.

Segundo Pagola: “Nunca Jesus pensou nos milagres como uma fórmula mágica para suprimir o sofrimento no mundo, mas sim como um sinal para indicar a direção na qual se deve agir para acolher e introduzir o reino de Deus¹⁵⁹ na vida humana.”¹⁶⁰

7.4- Os relatos da paixão

Toda a vida de Jesus de Nazaré expressa sua missão e seu plano de salvação para a humanidade. O projeto de amor de Deus é expresso através de seu Filho (Jesus). Os relatos de sua paixão expressam totalmente seu amor e o oferecimento de sua vida para a humanidade.

Há outros autores que escreveram sobre os relatos da paixão de Jesus. Mas este trabalho é baseado no Evangelho de São Marcos, porque neste se expressa a paixão de Jesus com riqueza teológica e detalha a revelação da vida e morte de Jesus em 5 partes:

a) A Ceia de Jesus (Mc 14, 12-31)

A última ceia expressa o último processo pelo qual Jesus tem que passar, pois exprime a vida cristã que se iniciará a partir daí e entregará uma nova vida cristã aos que queiram viver junto com ele.

Jesus também partiu o pão e o entregou aos seus (v. 22-24), ou seja, através da fração do pão recordamos o que nosso Mestre fez e que devemos imitá-lo, e o seguimos para ser um bom pastor como ele.

b) A oração no Getsêmani e a prisão de Jesus (Mc 14,32-52)

Jesus reconhece a mentira, a traição e o abandono das pessoas, ante a injustiça dos homens que não o reconheceram, desde os discípulos (v. 41-45)

¹⁵⁹ É entendido aqui como a chegada e convite para sua construção, tendo assim um caráter Escatológico. Quando se analisa e se busca estudar a realidade de Jesus de Nazaré, o que nos vem em primeiro plano é o fato de que Jesus não fez de si mesmo o centro de sua pregação. Sua missão e pregação centralizaram-se na propagação do Reino de Deus.

¹⁶⁰ Pagola, José, op. cit., p. 37.

até os crentes (as pessoas) que estavam com ele cada sábado nas sinagogas ou no Templo (v. 49).

Diz-se ainda que Jesus, Nosso Senhor, morre por nossos pecados, fomos nós que o condenamos à morte, e por isso, não há amor maior que o de Jesus, que dá a vida por seus amigos; ele sabe que será uma morte humilhante, de cruz (v. 52). Uma morte que nenhum homem pode passar como ele.

Mas ficou uma mensagem em nossa mente que, ainda que os homens caiam na tentação, Deus sempre nos convida a entrar em seu Reino e perdoa nossa culpa.

c) O processo perante o Sinédrio (Mc 14, 53-65)

Perante o Sinédrio, Jesus não respondeu quase nada, porque ele sabia que os anciãos já haviam tomado a decisão, quer dizer, que eles já tinham uma razão para matar Jesus.

O processo que o Evangelho de São Marcos relata descreve homens cruéis e sinistros (v. 64-65); no entanto, a mensagem final é que a justiça sempre vence contra a injustiça, e onde há justiça há o amor.

d) O processo perante Pilatos (Mc 15,1-20)

Pilatos reconhece que os judeus agem por inveja de Jesus; ele sabe que Jesus não fez nem cometeu qualquer crime (v. 7-14); no entanto, atende o pedido das pessoas que desejam a morte de Jesus, pois os sumos sacerdotes instigaram as pessoas para que pedissem que Jesus fosse crucificado; assim, no final, eles conseguiram seu propósito; Pilatos cedeu ante a injustiça.

e) O caminho da cruz e a crucificação (Mc 15,21-41)

Pode-se fazer uma pergunta: por que as pessoas que Jesus amou, curou, ajudou, não estavam quando Jesus foi encaminhado para o calvário?

Talvez eles estivessem ali, mas não o ajudaram, não fizeram nada. Somente um homem de Cirene ajudou Jesus no caminho; ele era um pagão, e algumas das mulheres estavam ali. Onde estavam os discípulos e os crentes?

RESUMO

Seguindo a postura de Dibelius, pode-se afirmar que “a forma das palavras e ações de Jesus que nós conhecemos foram elaboradas pelos evangelistas apenas em proporções muito reduzidas...”;¹⁶¹ os evangelhos fazem parte de um gênero literário popular; são construções supra-individuais que os evangelistas recompilaram; por isso, é necessário estudar as formas literárias, que têm sua origem na forma de vida das comunidades primitivas cristãs, a partir de sua cosmovisão, rituais, religiosidade.

Uma das funções das formas literárias é permitir ao leitor compreender a estrutura e unidade do texto; ainda que os evangelhos sinópticos possuam uma visão comum da vida de Jesus, cada um deles tem particularidades e matizes que enriquecem a visão acerca de Jesus de Nazaré.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

De acordo com as informações apresentadas na presente mesa:

- 1) Quais podem ser considerados os momentos-chave da infância de Jesus de Nazaré?
- 2) Que sentido têm as parábolas, curas e exorcismos narrados nos evangelhos?

AVALIAÇÃO:

Elaborar em casal um breve escrito tendo em conta o contexto atual de nossa época, que explique os relatos da infância, o ministério ou atividade apostólica e a paixão de Jesus de Nazaré, para apresentar aos membros da sua equipe de base.

¹⁶¹ Dibelius, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Valencia: Edicep, 1984, p. 15.

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

- Bovon, Francis. ***El evangelio según san Lucas***. Vol I. Salamanca, 1995.
- Bravo, Carlos. ***Galilea Año 30, Para leer el Evangelio de Marcos***. México, D.F.: El Almendro. 1989.
- Brown, Raymond. ***El nacimiento del Mesías. Comentario a los relatos de la infancia***. Madrid, 1982.
- Castillo, José María. ***El Reino de Dios Por la vida y la dignidad de los seres humanos***, 2004.
- Cerfaux, Lucien. ***Mensaje de las Parábolas***. Mora-España: Fax, 1969.
- Charpentie, Etienne. ***Para leer el Nuevo Testamento***. Navarra: Verbo Divino. 1994.
- De la Torre Guerrero, Gonzalo. ***Las parábolas que narró Jesús***. Quibdó (Chocó): Mundo Libro, 2009.
- Dibelius, Martin. ***La historia de las formas evangélicas***. Valencia: Edicep, 1984.
- Escuela Bíblica de Jerusalén. ***Biblia de Jerusalén***. Barcelona: Desclée De Brouwer, 1998.
- Martín Descalzo, José Luis. ***Vida y misterio de Jesús de Nazaret***. Salamanca: Sígueme, 1998.
- Mesters, Carlos. ***Flor sin defensa, Una explicación de la Biblia a partir del pueblo***. Santafé de Bogotá: Confederación Latinoamericana de Religiosos, 1999.
- Muñoz Iglesias, Salvador. ***Los Evangelios de la Infancia***. Madrid, 1987.
- Pagola, José Antonio. ***Jesús, Aproximación histórica***: PPC. 2013.
- Seubert, Augusto y Equipo Misionero. ***Cómo entender el mensaje del Nuevo Testamento***. Paulinas. 1992.
- Vielhauer, Philipp. ***Introducción al Nuevo Testamento. Los apócrifos y los padres apostólicos***. Salamanca: Sígueme. 1991.

Obras sugeridas:

Equipo Misionero. **¿Entiendes el Mensaje?, Charlas sobre el sentido y contenido de la Biblia, para entenderla y compartirla.** Colombia: Paulinas. 1992.

Ortiz Valdivieso, Pedro, S.J. **Evangelios sinópticos-Exégesis.** Instituto Internacional de Teología a Distancia. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2003.

Weichs, Martín, SVD. **Vivir con Cristo, Curso Fundamental de la Fe Católica.** Bogotá, Editores Verbo Divino, 2007.

MESA 8

COMO FOI VIVIDO O EVANGELHO NO INTERIOR DAS COMUNIDADES E NO MEIO DO IMPÉRIO ROMANO?

Cartas de Tiago, Pedro, Judas e Apocalipse

INTRODUÇÃO

O propósito desta MESA é proporcionar uma abordagem às cartas de São Tiago, Pedro, Judas e do livro do Apocalipse. Conheceremos sua estrutura, seus destinatários e a mensagem (conteúdo) que cada uma propõe.

Tudo isto com o objetivo de aprofundar nossa própria experiência de fé, compartilhada e vivida em comunidade; abordamos mais o Senhor Ressuscitado vivo e presente no meio de nós.

Se chegarmos a conhecê-lo mais, poderemos amá-lo e segui-lo melhor, com mais coerência e radicalidade; como diz o conhecido refrão popular: “ninguém ama o que não conhece”.

Bem vindos!

ORAÇÃO

Querido Deus Pai, pomos-nos em tua presença para descobrir tua Palavra e alimentar-nos dela; pedimos-te que abras nossas mentes e nossos corações para acolhê-la e que sejamos a terra boa do semeador que dá muito fruto.

Pedimos-te humildemente que nos envies o Espírito de Jesus, teu Filho, para que possamos conhecer o que nos pedes e praticar tudo isto em nossa vida de cada dia.

*Te pedimos pelo mesmo Cristo nosso Senhor e Libertador.
AMÉM.*

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

8.1- Carta de São Tiago

Introdução: conteúdo e temas centrais¹⁶²

A Carta de **Tiago** é uma carta muito profunda e direta, escrita de maneira simples e bonita, com vários conselhos para a vida cristã de cada dia. É uma das chamadas “cartas católicas” (**Tiago**, as duas cartas de Pedro, as três cartas de João e Judas).

São chamadas assim porque não têm um destinatário específico. **São Tiago**, por exemplo, escreve sua carta às doze tribos da dispersão;¹⁶³ é uma forma simbólica para mencionar as comunidades fora do território judeu, mas cujo conteúdo também se dirige a nós. A Carta nos propõe estes temas que a fizeram famosa: a importância das obras para a fé e a importância dos pobres e marginalizados.

Propomos as quatro temáticas que se deduzem da Carta e que consideramos fundamentais dentro dela:

a) O compromisso com o projeto de vida¹⁶⁴

O Projeto de Deus para o mundo é projeto de vida para nós. As pessoas que são discípulos do Senhor lutam uma batalha contra o mal e o egoísmo que estão dentro de cada um e da injustiça da sociedade (Tg 4, 1-10).

¹⁶² Pimentel, Frank. **Codicia, resistencia y proyecto alternativo – Un acercamiento socio-lingüístico y actualizante a la carta de Santiago**. En: La Carta de Santiago, Revista RIBLA nº 31, p. 48-61.

¹⁶³ Tamez, Elsa. **No discriminen a los pobres** – Lectura latinoamericana de la Carta de Santiago. Navarra: Verbo Divino, 2008, p. 12-14.

¹⁶⁴ Gruson, Philippe (Ed.). **La Carta de Santiago – lectura socio-lingüística**. CB nº 61, Navarra: Verbo Divino, 1988, p. 17-20.

O exercício cotidiano da escuta da Palavra de Deus é como uma semente que chega a nossos corações e está convocada a produzir frutos de amor e de vida segundo a “lei da liberdade” (Tg 1,25). É uma vivência cotidiana do mandamento novo do amor a Deus e aos irmãos.

A vida feliz, a que tem verdadeiro sentido, é aquela na qual a Palavra encontrou uma acolhida adequada e deu fruto.

Neste caminho, o autor recorda ao cristão que passará por muitas provas e dificuldades (Tg 1,2-5), mas que não está sozinho; no meio delas está o Senhor que o sustenta, sua presença não o abandona (St 1,12).

b) Deus escuta o clamor dos oprimidos

A comunidade é importante para Tiago por duas razões: em primeiro lugar, porque nela se faz presente o Senhor e, segundo, porque esta comunidade é formada por todos nós, sem distinções nem discriminações (Tg 2,1-4).

Mas o pecado introduz na comunidade a injustiça, o egoísmo, o enriquecimento desmedido, esquecendo os mais fracos e pequenos. O Senhor é pai de todos e é justo, não abandona os pobres e simples, e se coloca de seu lado (Tg 2,5-6; 5,1-6).

c) Comunidade que une fé de vida, obras e palavras¹⁶⁵

A carta nos apresenta a necessidade de uma vida realmente religiosa, que seja coerente com a fé vivida em comunidade, que é sincera e solidária (Tg 2,14-26).

A verdadeira religião é definida pela atitude que se tem frente aos irmãos menores; é a que nasce do mandamento do amor; os verdadeiros seguidores de Jesus são compassivos e misericordiosos.

¹⁶⁵ Idem, p. 28.

Esta vida é iluminada pela fé, uma fé com ações concretas de amor solidário. A comunidade de Tiago entende a fé como experiência comprometida com a defesa da vida. De tal maneira que a fé que não produz frutos de amor, justiça e solidariedade é uma fé morta.

O Projeto de Deus e a fé formam uma mesma realidade, um compromisso com a vida (Tg 2,14-26) que passa pela comunidade e por atos cotidianos tão concretos como, por exemplo, a necessidade de controlar a língua;¹⁶⁶ a pessoa que não freia sua língua e se deixa levar por ela, ofende aos demais e pode criar conflitos desnecessários (Tg 3,1-12).

Ao falar mal dos irmãos e nos considerarmos com o direito de julgar os demais, estamos levantando-nos sobre nossa própria soberba e esquecemos que há um único juiz, Deus, o único capaz de julgar com total equidade e justiça (Tg 4, 11-12).

d) A oração que alimenta nossa fé

A oração nos ajuda a alimentar nossa fé para poder vivê-la de uma forma adequada; o religioso se distingue por sua sabedoria, por sua capacidade de discernir em cada momento da existência o que Deus lhe pede. E como a sabedoria é um dom de Deus, é necessário pedi-la.

A oração nos situa em conexão com a vontade de Deus e com seu projeto de vida plena para todos (Tg 3,13-18).

A oração de quem crê acompanha cada momento, cada situação vital. Por isso, é fundamental contar com a oração da comunidade cristã que se converte em oração solidária que reanima a vida, compartilha a alegria e a tristeza, que nos mantém unidos na esperança.

A oração nos ajuda a perdoar-nos, a sempre pensar em Deus e tê-lo presente,

¹⁶⁶ Tamez, op. cit., p. 53-54.

senti-lo no irmão ao nosso lado, animando-nos em nosso compromisso de ser cristãos na vida cotidiana (st 5, 13-18).

8.2- Cartas de Pedro

a) Quem é o autor das cartas de Pedro?

De acordo com os últimos estudos bíblicos, existem dúvidas quanto à autoria das cartas de Pedro.

Segundo Brown, “de todas as epístolas que as Escrituras nos apresentam, é a primeira de Pedro a que tem mais verossimilhança de ter sido escrita por este personagem. Porque apresenta um raciocínio importante proposto em favor de uma estrutura verossímil no conhecimento das expressões de Jesus”.¹⁶⁷ Por outro lado, aparecem outras conjecturas que expõem o contrário, já que não aparecem indícios de seu autor.

Segundo Schlosser, é impossível que Pedro tenha escrito as cartas pelas seguintes razões:

- A ótima qualidade do grego que suas cartas manifestam; e,
- O uso que apresenta das Escrituras; ordinariamente, Pedro se baseia na versão dos LXX e surpreende o método quase profissional de seu trabalho como exegeta.

Além disso, Schlosser deduz que os dados relativos às datas, à língua empregada e à exegese não pertencem à autoria de Pedro, o apóstolo. Daí que a conclusão mais razoável é que foi escrita por um “membro judeu-cristão pertencente à comunidade de Roma”.¹⁶⁸

b) Destinatários

Segundo Schlosser, o conteúdo das cartas de Pedro, em seu contexto sócio-religioso, é muito confuso, porque não são definidos com clareza os

¹⁶⁷ Brown, Raymond. **Introducción al Nuevo Testamento**. Vol. I y II, Madrid: Trotta Editorial, 2002, p. 924.

¹⁶⁸ Marguerat, Daniel (Ed.). **Introducción al Nuevo Testamento: Su historia, su escritura, su teología**. Bilbao, Desclée de Brouwer, 2008, p. 425.

destinatários de sua mensagem. Se eram os gentios que viviam na diáspora, ou os de procedências pagãs.

Segundo as argumentações de alguns críticos, considera-se que as comunidades destinatárias eram “mistas” (gentios-cristãos e judeu-cristãos).¹⁶⁹ Junto a isto, o autor considera que os pagãos já se encontravam próximos do judaísmo, cujo monoteísmo e cuja elevada moral admiravam.

De fato, a iniciação à mudança de estrutura religiosa para os pagãos se dava a partir da catequese cristã pré e pós-batistal inspirada no Antigo Testamento; ou seja, a mensagem das cartas estava dirigida a todos, gentios e judeus.

c) Composições das cartas 1 e 2 de Pedro

É muito difícil concluir dados precisos sobre as datas e fontes exatas das cartas 1 e 2 de Pedro; mas, segundo Brown, provavelmente as cartas de Pedro foram escritas nos anos 60-65 d.C.

Pois bem, se as cartas foram escritas por pseudonímia, a data seria aproximadamente entre 70-100, d.C.¹⁷⁰ Por outro lado, aparecem hipóteses que apresentam as cartas de Pedro escritas entre os anos 70-90 d.C., como sustenta Schlosser, ao considerar que foram escritas em um período posterior a Paulo.¹⁷¹

d) Sentido das cartas de Pedro e suas fontes

Segundo estudos recentes realizados sobre as cartas 1 e 2 de Pedro, sua inspiração se encontra em fontes vetero-testamentárias.¹⁷² Por outro lado, o fundo apresentado pelas cartas tem uma orientação catequética e pastoral.

¹⁶⁹ Idem, p. 422.

¹⁷⁰ Idem, p. 929.

¹⁷¹ Marguerat, op. cit, p. 424.

¹⁷² Davids, Peter H. **La Primera Epístola de Pedro**. Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 60.

Daí que o cristão é instruído, em primeiro lugar, na formação básica da lei judaica. Por isso, as cartas de Pedro apresentam um enfoque pedagógico e didático que enfatiza as tradições mais antigas das Escrituras.

8.3- Carta de Judas

A carta de Judas, segundo Jacques Schloser, é o escrito do Novo Testamento mais discutido na pesquisa atual;¹⁷³ devido a esta complexidade, apresentamos uma abordagem de maneira simples nos seguintes aspectos: os destinatários, a descrição dos núcleos abordados na carta e, finalmente, sua mensagem.

a) Destinatários

A carta foi composta provavelmente em uma zona da Palestina e é dirigida a cristãos da igreja de Jerusalém. Alguns autores pensam que foi escrita na Alexandria.¹⁷⁴

Por outro lado, cabe esclarecer que, possivelmente, a intenção do autor é apresentar a salvação a partir de um contexto comunitário; observa-se que a “virulência da polêmica convida a pensar que as comunidades destinatárias não eram compostas apenas de judeus-cristãos”.

Assim, pois, terá que ser admitido que Judas se dirigia a comunidades mistas.¹⁷⁵ Em outras palavras, o autor dirige seu discurso a um público familiarizado com o judaísmo convertido ao cristianismo e com a linguagem de suas exortações.¹⁷⁶

b) Núcleo e mensagem

O corpo da carta pode ser dividido da seguinte maneira:

- Nos vv. 3-20, o autor faz um prólogo das motivações da fé, com o que introduz a saudação para os seguidores do Senhor;

¹⁷³ Marguerat, *op. cit.*, p. 439.

¹⁷⁴ Brown, *op. cit.*, p. 964.

¹⁷⁵ Marguerat, *op. cit.*, p. 443.

¹⁷⁶ Brown, *op. cit.*, p. 964.

- Nos vv. 3-4 expõe o propósito da carta, salientando a fidelidade à fé recebida dos apóstolos;
- Nos vv. 5-16 apresenta o castigo divino para os que estão equivocados, aqueles que “falam com jactância e adulam os demais para aproveitar-se deles” (Judas, 16), pois exercem influência em outros com o propósito de fazê-los errar.¹⁷⁷ Para isto, são apresentadas imagens do Antigo Testamento (Êxodo e Deuteronômio);¹⁷⁸
- Nos vv. 17-23, o crente é motivado a assumir a fidelidade a Deus, assim como a manter-se na observância dos ensinamentos da pregação apostólica; além disso, sugere conselhos para salvaguardar o seguimento;
- Os vv. 24-25 terminam com um louvor a Deus, ressaltando o papel de Jesus Cristo, nosso Único Salvador.¹⁷⁹

8.4- Livro do Apocalipse

A partir da destruição do primeiro Templo judeu por parte dos babilônios no ano 585 a.C., até a destruição do segundo Templo nos anos 70 d.C., pelo Império Romano, o povo de Israel se valeu da tradição apocalíptica (gênero literário) para interpretar e expressar seu sentimento de incompreensão ante tanta injustiça e incerteza, vividas em seu momento histórico por parte dos impérios que o submeteram.

O livro do Apocalipse no Novo Testamento tem suas raízes nos livros de Daniel, Ezequiel, Zacarias, Isaías, Joel e Êxodo (exemplos de literatura apocalíptica ou de revelações). E é provável que tenha sido escrito em várias etapas.

a) O gênero apocalíptico

O gênero literário apocalíptico foi usado para consolar, orientar e convidar os crentes a resistir ao ataque inclemente dos impérios sobre o povo de Israel. As

¹⁷⁷ Idem, p. 966.

¹⁷⁸ Idem, p. 968.

¹⁷⁹ Idem, p. 970.

perseguições ao povo de Deus pelos grandes impérios do mundo questionavam até que ponto a história estava sob o controle de Deus.

A literatura apocalíptica respondia a isso por meio de visões que fundiam o que ocorria na terra e no céu, visões que só podiam ser expressas por meio de símbolos exuberantes.¹⁸⁰

Neste sentido, o Apocalipse de João do Novo Testamento surge em um período de crise das comunidades cristãs com o objetivo de fazer sentir em tais comunidades perseguidas a intervenção e resposta de Deus, através de uma linguagem simbólica que afirma a vitória total dos filhos de Deus sobre o ataque dos filhos das trevas.¹⁸¹

b) Autor e destinatários

O livro do Apocalipse do Novo Testamento, antes de tudo, “não se apresenta como anônimo”. Menciona quatro vezes o nome do autor, João: no título do livro (Ap 1,1), na introdução epistolar (1,4), na introdução à primeira visão (1,9) e no epílogo (22:8).¹⁸²

Mas não se trata de João o evangelista, ou João o discípulo amado de Jesus. Provavelmente seja um profeta judeu-cristão que parece ter emigrado da Palestina nos anos de guerra e de convulsões do ano 67 a 73 d.C. Tal autor se manteve fiel à sua herança apocalíptica judeu-cristã, escrevendo em torno do ano 96 d.C.¹⁸³

c) Simbologia apocalíptica

O Apocalipse é um livro de símbolos, um drama literário e religioso em código

¹⁸⁰ Idem, p. 51-52.

¹⁸¹ Pagán, Samuel. **Apocalipsis. Interpretación eficaz hoy**. Barcelona. CLIE: 2012, p. 47.

¹⁸² Ortiz, Pedro. **Apocalipsis: Introducción y anotaciones exegéticas**. Bogotá: Centro Editorial Javeriano (CEJA), p. 8.

¹⁸³ Pikaza, Xavier. **Apocalíptica judía y cristiana. Prehistoria y símbolos básicos del Apocalipsis**. Encontrado en: En torno al Apocalipsis. Volumen coordinado por Blanca Acinas. Madrid: BAC, 2001, p. 99.

apocalíptico¹⁸⁴ de um contexto judeu em situação de opressão, injustiça e perseguição social, política, econômica e religiosa.

Mencionaremos alguns símbolos que se encontram mais vinculados à tradição apocalíptica judaica e, sobretudo, à arte posterior cristã:

- Anciãos (Presbíteros), representantes da comunidade celeste, portadores de poder social, não sacerdotal. São 24 (2x12), simbolizando a totalidade do humano;
- Bestas: sinal aplicado aos impérios inimigos de Israel;
- Cavaleiro: sinal de guerra; representa o processo de destruição do mundo;
- Livro: é o mesmo Cordeiro sacrificado onde são inscritos, por graça, apenas os eleitos;
- Satanás: é o Dragão ou serpente que está na base do processo destruidor do mundo;
- Templo: é a tenda onde aparece a arca da aliança;
- Trono: sinal fundamental, ainda que não exclusivo de Deus, pois há tronos para os anciãos na sala celeste.¹⁸⁵

O livro do Apocalipse parece ter sido composto na Ásia Menor, na zona geográfica das comunidades de Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia, situadas em torno de Éfeso.

Uma leitura mais adequada dos símbolos do Apocalipse é realizada a partir do contexto de submissão e imposição de uma economia injusta ao povo de Israel, a dominação por parte da cultura greco-romana, de uma religião política centrada em cultos imperiais a Roma e seu imperador.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Idem, p. 102.

¹⁸⁵ Idem, p. 105-111.

¹⁸⁶ Bernabé Ubieta, Carmen. **El Apocalipsis. Una postura de resistencia ante el Imperio.** Encontrado en: Así empezó el cristianismo. Editado por Rafael Aguirre. Estella: Verbo Divino. 2010, p. 358.

RESUMO:

A carta de São Tiago nos apresenta a importância da fé vivida em comunidade e expressa através de obras e, de modo particular, na predileção pelos pequenos e oprimidos; vivendo sempre a presença de Deus em meio às dificuldades e fortalecidos pela oração.

Com respeito às cartas de Pedro, a comunidade mantém a fé apostólica e a defende diante das falsas doutrinas e daqueles que a perseguem. Sua conduta inatacável é o melhor testemunho. A paixão do Senhor se converte em mensagem de alento, motivo e fortaleza para proclamar a fé. A vida verdadeira é sua recompensa, é alegre esperança.

Por seu lado, a carta de Judas faz um forte chamado de atenção para que a comunidade viva a fidelidade e firmeza na fé, rejeite o estilo de vida que não é próprio de um cristão. Os que se mantiverem fiéis serão libertados do pecado e estarão repletos de alegria.

Finalmente, com relação ao Apocalipse, ante um contexto de opressão e perseguição, as comunidades mencionadas vivem sua fé em meio à angústia, e os símbolos apocalípticos têm a função de denunciar a opressão do Império e especialmente de animar os fiéis a se manterem firmes na fé até as últimas consequências, resistir confiando na esperança da intervenção do Salvador.

DIÁLOGO E REFLEXÃO:

Depois da explicação temática, fazer uma leitura meditada das cartas de Tiago, Pedro, Judas e Apocalipse, e responder brevemente:

- 1) O que diz o texto? (fundo, conteúdo)
- 2) Como o diz? (forma, gênero literário)
- 3) O que me diz o texto? (mensagem particular)
- 4) Como aplicá-lo em nossa vida? (aplicação)

AVALIAÇÃO:

1. Relacione a informação entre ambas as colunas:
 - a. A carta de Tiago () Se baseia na tradição petrina para dar ânimo às igrejas da Ásia Menor.
 - b. Cartas 1 e 2 de Pedro () Expressa a situação das igrejas da Ásia frente à teologia imperial.
 - c. Carta de Judas () Enfatiza a fé traduzida em acolhida aos pobres e em caridade.
 - d. Apocalipse () Retoma textos apócrifos para referir-se ao destino das nações.

BIBLIOGRAFIA DA MESA (em espanhol):

- Bernabé Ubieta, Carmen. *El Apocalipsis. Una postura de resistencia ante el Imperio. En: Así empezó el cristianismo*. Editado por Rafael Aguirre. Estella: Verbo Divino. 2010.
- Brown, Raymond. *Introducción al Nuevo Testamento. Vol. I y II*, Madrid: Trotta Editorial, 2002.
- Gruson, Philippe (Ed.). *La Carta de Santiago – lectura socio-lingüística*. CB nº 61, Navarra: Verbo Divino, 1988.
- Marguerat, Daniel (Ed.). *Introducción al Nuevo Testamento: Su historia, su escritura, su teología*. Bilbao, Desclée de Brower, 2008.
- Ortiz, Pedro. *Apocalipsis: Introducción y anotaciones exegéticas*. Bogotá: Centro Editorial Javeriano (CEJA).
- Pagán, Samuel. *Apocalipsis. Interpretación eficaz hoy*. Barcelona. CLIE: 2012.
- Pikaza, Xavier. *Apocalíptica judía y cristiana. Prehistoria y símbolos básicos del Apocalipsis*. En: *En torno al Apocalipsis. Volumen coordinado por Blanca Acinas*. Madrid: BAC, 2001.
- Pimentel, Frank. *Codicia, resistencia y proyecto alternativo – Un acercamiento socio-lingüístico y actualizante a la carta de Santiago*. En: *La Carta de Santiago*, Revista RIBLA nº 31.
- Tamez, Elsa. *No discriminen a los pobres – Lectura latinoamericana de la Carta de Santiago*. Navarra: Verbo Divino, 2008.

BIBLIOGRAFIA GERAL

(Obs.: Bibliografia utilizada para elaboração deste texto em espanhol)

Aguirre Monasterio, Rafael (Edit). **El Nuevo Testamento en su contexto: Propuestas de lectura**. Estella: Verbo Divino, 2013.

Aguirre Monasterio, Rafael y Antonio Rodriguez Carmona. **Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles**. Navarra: Verbo Divino, 1992.

Aguirre, Rafael (Ed.). **El Nuevo Testamento en su Contexto. Propuestas de lectura**. Navarra, Verbo Divino, 2013.

Armstrong, Sergio. **Introducción a san Pablo, Cartas de pablo**. Bogotá: Verbo Divino, 2010.

Benedicto XVI. "La teología de la cruz en la predicación de san Pablo". *Ecclesia* 3442 (2008): 1790 – 1791.

_____ "La dimensión eclesiológica del Pensamiento de san Pablo". *Ecclesia* 3442 (2008): 1786- 1787.

_____ "La doctrina paulina de la justificación". *Ecclesia* 3442 (2008): 1781.

_____ "La Parusía en la predicación de san Pablo". *Ecclesia* 3442 (2008): 1794-1795.

_____ Exhortación apostólica postsinodal "Verbum Domini". Ciudad del Vaticano: Editrice Vaticana, 2008.

Bernabé Ubieta, Carmen. **El Apocalipsis. Una postura de resistencia ante el Imperio**. En: Así empezó el cristianismo. Editado por Rafael Aguirre. Estella: Verbo Divino. 2010.

Bortolini, José. "Fuentes para conocer a Pablo". *Vida Pastoral* 133 (2009): 30.

Bovon, Francis. **El evangelio según san Lucas**. Vol I, Salamanca, 1995.

- Bravo, Carlos. **Galilea Año 30, Para leer el Evangelio de Marcos**. México, D.F.: El Almendro. 1989.
- Brown, Raymond. **Evangelio según Juan**. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1999.
- _____ **El nacimiento del Mesías. Comentario a los relatos de la infancia**. Madrid, 1982.
- _____ **Introducción al Nuevo Testamento; Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas**. Madrid: Trotta, 2002.
- Carbullanca, César. "El discípulo amado: Una clave hermenéutica de la cristología joánica". *Theologica Xaveriana* 166 (2008): 409-438.
- Carson, Donald. **Una introducción al Nuevo Testamento**. Barcelona: CLIE, 2008.
- Casas, Juan. "Nuevo Testamento", Apuntes de clase. Introducción al Nuevo Testamento, Pontificia Universidad Javeriana, II semestre 2016.
- Castillo, José María. **El Reino de Dios Por la vida y la dignidad de los seres humanos**. 2004
- Cerfaux, Lucien. **Mensaje de las Parábolas**. Mora-España: Fax, 1969.
- Charpentier, Etienne y Burnet Regis. **Para Leer el Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2006.
- De la Torre Guerrero, Gonzalo. **Las parábolas que narró Jesús**. Quibdó (Chocó): Mundo Libro, 2009.
- De Santos Otero, Aurelio. **Los Evangelios Apócrifos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005
- Dibelius, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Valencia: Edicep, 1984.
- Dietmar, Neufeld y DeMaris Richard. **Para entender el mundo social del Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2014.

- Escuela Bíblica de Jerusalén. **Biblia de Jerusalén**. Barcelona: Desclée De Brouwer, 1998
- Escuela Bíblica de Jerusalén. **Biblia de Jerusalén**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2009.
- Fernández, Felipe. **Fundamentalismo Bíblico**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.
- Gil, Arbiol. **Qué se sabe de san Pablo en el naciente cristianismo. Cuestiones abiertas en el debate actual**. Navarra: Verbo divino, 2015.
- Gruson, Philippe (Ed.). **La Carta de Santiago – lectura socio-lingüística**. CB nº 61, Navarra: Verbo Divino, 1988.
- Guijarro Oporto, S. **La Buena Noticia de Jesús**. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1987.
- Gunther Schiwy. **Iniciación al Nuevo Testamento**. Ed. Sígueme, España, 1969.
- Hueso Henry. “La universalidad paulina en el diálogo ecuménico”. *El Cooperador Paulino* 36 (2008): 10-11.
- Instituto Superior de Ciencias Religiosas. San Juan. Madrid, 1990.
- James D.G. Dunn. **Del Evangelio a los Evangelios**. Bogotá: San Pablo y PUJ, 2014.
- Jordi Sánchez, Bosch. **Escritos Paulinos – Introducción al estudio de la Biblia**. Navarra,
- Lakatos Janoska, Eugenio. **Introducción a la Sagrada Escritura**. Universidad Santo Tomas: Bogotá, 1983.
- Marguerat, Daniel (Ed.). **Introducción al Nuevo Testamento: Su historia, su escritura, su teología**. Bilbao, Desclée de Brower, 2008.
- Martín Descalzo, José Luis. **Vida y misterio de Jesús de Nazaret**. Salamanca: Sígueme, 1998.

- Martínez, E. A partir de un texto de Florentino Ulibarri - Oración, 2006.
- Mendoza C. **Introducción al Nuevo Testamento**. Salamanca. Sígueme, 1988.
- Mesters, Carlos. **Flor sin defensa, Una explicación de la Biblia a partir del pueblo**. Santafé de Bogotá: Confederación Latinoamericana de Religiosos, 1999.
- Muñoz Iglesias, Salvador. **Los Evangelios de la Infancia**. Madrid, 1987..
- Ortiz, Pedro. **Apocalipsis: Introducción y anotaciones exegéticas**. Bogotá: Centro Editorial Javeriano (CEJA).
- Ortiz, Pedro. **Comentario Bíblico Latinoamericano**. Geografía del Nuevo Testamento. Navarra: Verbo Divino, 2003.
- Pagán, Samuel. **Apocalipsis. Interpretación eficaz hoy**. Barcelona. CLIE: 2012.
- Pagola, José Antonio. Jesús, **Aproximación histórica**. PPC. 2013.
- Peláez, Jesús. “Evangelio y evangelios”. *Koinonia*. <http://servicioskoinonia.org/relat/303.htm> (consultado el 16 de agosto de 2016)
- Pikaza, Xavier. Apocalíptica judía y cristiana. Prehistoria y símbolos básicos del Apocalipsis. En: En torno al Apocalipsis. Volumen coordinado por Blanca Acinas. Madrid: BAC, 2001.
- Pimentel, Frank. **Codicia, resistencia y proyecto alternativo – Un acercamiento socio-lingüístico y actualizante a la carta de Santiago**. En: La Carta de Santiago, Revista RIBLA nº 31.
- Piñero Antonio. **Guía para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta, 2008.
- Piñero, Antonio; Peláez, Jesús. **El Nuevo Testamento, Introducción al estudio de los primeros escritos cristianos**. Madrid: El Almendro, 1995.

Pontificia Comisión Bíblica. **La interpretación de la Biblia en la Iglesia.** Madrid: Editorial y Distribuidora S. A., 2007.

_____ <https://rsanzcarrera2.wordpress.com/2012/06/13/los-tres-niveles-de-sentido-de-la-sagrada-escritura/> (consultado el 25 de octubre de 2016).

Reynier, Chantal. **Para leer a san Pablo. La obra epistolar.** España: Verbo divino, 2009.

Robert André y Feuillet André. **Introducción a la Biblia.** Traducido por Alejandro Ros. Barcelona: Herder, 1965.

Sanders, E.P. **La figura histórica de Jesús.** Navarra: Verbo Divino, 2000.

Saravia Javier. **El Poblado de la Biblia.** México D.F: Paulinas, 2008.

Schnackenburg. **Los signos joánicos.** Barcelona, 1980.

Seubert, Augusto y Equipo Misionero. **Cómo entender el mensaje del Nuevo Testamento.** Paulinas. 1992.

Tamez, Elsa. **No discriminen a los pobres – Lectura latinoamericana de la Carta de Santiago.** Navarra: Verbo Divino, 2008.

Theissen Gerd y Merz Annette. **El Jesús Histórico.** Salamanca: Sígueme, 1999.

Tuggy Alfred E. **Léxico Griego – Español.** México D.F.: Editorial Mundo Hispano. 1º Edición: 1996. Verbo Divino, 1998.

Vielhauer, Philipp. **Introducción al Nuevo Testamento, Los apócrifos y los padres apostólicos.** Salamanca: Sígueme. 1991.

Wikenhauser, Alfred; Schmid, Josef. **Introducción al Nuevo Testamento.** Barcelona: Editorial Herder, 1978.

CIBERGRAFÍA:

- a) Curso Bíblico: <http://azur-wwwcbilcom.blogspot.com.co/2009/11/capitulo-tercero-la-biblia-palabra.html> (consultado el 25 de octubre 2016).
- b) <http://www.misionestransculturales.org/la-historia-de-la-traduccion-de-la-biblia>
- c) www.nationalgeographic.com.es/historia/grandes-reportajes/pompeya_7468
- d) http://www.cristianismo-primitivo.org/info_otros_estudios_canon.html
- e) “Escritos joánicos”. Disponible en: <http://dominicothomasino.blogspot.com.co/p/eclesiología>. Consultado el 10/09/2016.
- f) Interpretando la Biblia: El proceso de interpretar (lección 1): <https://es.scribd.com/doc/51567667/Interpretando-La-Biblia> (consultado el 25 de octubre de 2016)
- g) Niveles de contexto y lectura bíblica: <http://www.facultadseut.org/media/modules/editor/seut/docs/separata/separ024.pdf>. (Consultado el 25 de octubre de 2016).
- h) Rivero, Antonio. “Las cartas de san Pablo”. Conoce tu fe <http://es.catholic.net/op/articulos/7799/30a-sesin-las-cartas-de-san-pablo.html> (consultado 12 de agosto de 2016)
- i) Rivero Antonio. Entradas en forma de fichas sobre la Biblia. Tomado de: <http://revelacion-biblica.blogspot.com/2010/06/unidad-3-la-biblia.html>